

# BOLETIM



FORMAÇÃO EM  
PSICANÁLISE

ANO VIII . VOL VIII . Nº 1 . JANEIRO/JUNHO 1999



PUBLICAÇÃO DO  
DEPARTAMENTO  
FORMAÇÃO EM  
PSICANÁLISE DO  
INSTITUTO SEDES  
SAPIENTIAE

## **Publicação do Departamento Formação em Psicanálise**

### **Comissão Editorial do Boletim Formação em Psicanálise**

Francisca Teixeira

José Carlos Garcia

Lineu Silveira

Maria Cristina Valente Petri

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Nora Miguelez

Suzana Alves Viana

### **Comissão Editorial do Jornal Acto-Falho**

Lucianne Sant'Anna de Menezes

Luís Eduardo P. Aragon

Margaret Simas Ramos Marques

### **Conselho Editorial**

Claudia Paula Leicand

Ede de Oliveira

Heloísa Opice

José Carlos Garcia

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

Marly M. Goulart

Nora Miguelez

Suzana Alves Viana

### **Assinaturas**

Com Cristina no telefone: 5072-9815

E-Mail: [cristinapetri@uol.com.br](mailto:cristinapetri@uol.com.br)

### **Capa e Projeto Gráfico**

Marcos Daniel Cézari - MTPS - 11.193

### **Instituto Sedes Sapientiae**

Informações e correspondências:

Rua Ministro de Godói, 1484 – Perdizes

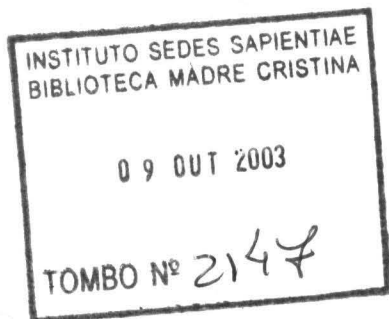
05015-900 - São Paulo - SP - Fone: 3873-2314

Este novo número do Boletim é o resultado de algo que alcançamos com grande esforço: um sistema de funcionamento. Quando uma equipe de trabalho pode confiar em suas partes complementares cada um pode assumir as próprias responsabilidades num ambiente muito mais produtivo. Com isso, tanto do lado de dentro como do de fora, a impressão é a de um trabalho mais fácil, menos penoso. E é uma impressão verdadeira, o que só nós sabemos é o trabalho que deu para construir essa impressão de fluidez.

Acreditamos estar cumprindo neste número uma das funções mais orgânicas que uma revista pode cumprir para um departamento, o de escoar sua produção. Apresentamos trabalhos de professores do curso, de membros do departamento ligados e não ligados à administração e, lembrando de rei Lear, *last but not least*, de alunos. Vale notar que há um artigo, uma tradução e uma resenha egressos do Grupo de Resenhas vinculado a esta mesma Comissão. Aguardamos com expectativa as impressões da comunidade sobre este número.

É com prazer que informamos aos amigos e colegas que este é o primeiro número do Boletim Formação em Psicanálise que apresenta sua qualificação ISSN, passando, portanto, a ser reconhecido oficialmente como revista científica.

*OS Editores*



ex. 1.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Fonte (CIP)  
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

---

Boletim formação em psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae,  
Departamento Formação em Psicanálise. – Vol. 1, no. 1 (maio/  
jun. 1992)– . – São Paulo : O Departamento, 1992–

v. 8, nº1, (jan./jun. 1999)

Semestral

Periodicidade semestral a partir do v. 2, no. 1, 1993

ISSN 1517-4506

1. Psicanálise - Periódicos. I. Instituto Sedes Sapientiae. Depar-  
tamento Formação em Psicanálise.

CDU 159.964.2 (05)

---







## S U M Á R I O

### ARTIGOS

O Analista no Campo dos Sonhos

*José Carlos Garcia*

7

Freud e Ferenczi: A História de uma Controvérsia e  
Alguns de seus Desdobramentos

*Lineu Matos Silveira*

17

Santa Bárbara e o Divã

*José F. Miguel H. Bairrão*

25

Uma Viagem pela Metapsicologia Freudiana

*Ede de Oliveira Silva*

39

Estrutura Perversa: A Lei do Desejo Onipotente

*Francy Ribeiro Moreira*

51

### TRADUÇÕES

Notas sobre, "Ciência ou Furto? A Controvérsia Freud-  
Klein 1941-1945" de Jane Kitto.

*Francisca Teixeira*

61

"Ciência ou Furto: A Controvérsia Freud-Klein, 1941-  
1945"

*Jane Kitto*

Traduzido por Francisca Teixeira

63

### RESENHA

A Criança no Psicanalista

*Florence Guignard*

resenhado por Myrna Levy Ruscio

79

### NORMAS

Normas de Apresentação e Aprovação de Trabalhos para  
a Comissão de Publicação

81

Normas para Avaliação dos Trabalhos

82

100

100

100

100

100

100

100

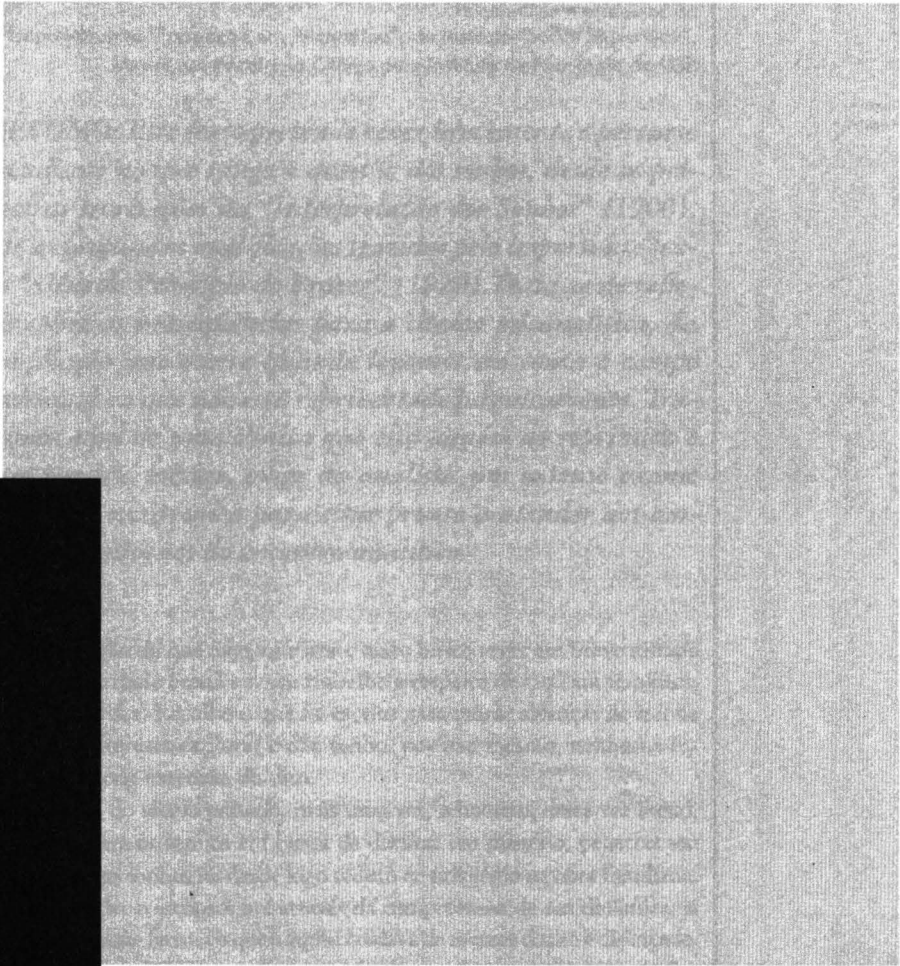
100

100

100

100

100



**A R T I G O S**



## O ANALISTA NO CAMPO DOS SONHOS<sup>1</sup>

José Carlos Garcia

Psicanalista e professor do  
Departamento "Formação em Psicanálise", do Instituto "Sedes Sapientiae";  
Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP

**RESUMO:** *Este texto pretende rever brevemente o percurso freudiano no que tange à questão dos sonhos, desde as primeiras teorizações na "Interpretação dos Sonhos" (1900), até as profundas modificações trazidas pelo importante texto "Além do Princípio do Prazer" (1920). Trata-se de refletir sobre as conseqüências para a clínica psicanalítica, da ampliação que ocorre quando levamos em conta o campo pulsional e o que não está representado psiquicamente. Tratamos aqui de uma clínica que está aquém do reprimido e que por isso mesmo, exige do analista um extenso exame crítico de sua técnica para estar pronto a atender aos ampliados contornos do encontro analítico.*

É em função do que faço, que neste texto busco rever em breve mirada o que sobre o sonho disse Freud em seu trabalho a respeito de tão cara temática, para ele e todo analista. Recolho o que foi escrito para tentar alcançar de minha clínica o que me interessa explorar e não tenho, por isso mesmo, nenhuma intenção de esgotar toda extensão do dito.

Na virada do século passado, mais uma vez, o homem, desta vez Freud, voltava seu olhar para os sonhos em busca de decifrar seu mistério, penetrar seu sentido. O campo dos sonhos foi desde logo reduto de privilégio na obra freudiana, via régia para desvelar o inconsciente através da compreensão de sua dinâmica, já que exibida em insinuante fatura o que a vigília cuidava de manter oculto e disfarçado.

Se por um lado é imperativo reconhecer que "A Interpretação de Sonhos" (1900), é a obra referencial da psicanálise enquanto método de investigação do inconsciente, também é importante poder constatar que já antes disso o trabalho psicanalítico em sua intenção terapêutica esteve desde sempre articulado ao campo onírico. No "Projeto para uma Psicologia Científica" (1950[1895]),

<sup>1</sup> Este trabalho foi primeiramente publicado na Revista Psychê, ano 3, número 4, 1999.

podemos encontrar um primeiro trabalho mais sistemático sobre os sonhos, que embora exposto em uma linguagem marcada pela nomenclatura especial do Projeto, nos permite entrever muitas das idéias que Freud iria desenvolver ao longo dos anos seguintes.

Outra interessante referência aos sonhos é encontrada na carta 22 a Fliess datada de 4 de março de 1895, quando Freud começa a elaborar ainda que de forma incipiente, a idéia dos sonhos como realização de desejo. Nesta carta ele conta a Fliess sobre um sonho do sobrinho de Breuer que para não ter que acordar, sonha que já está no hospital trabalhando.

Freud sempre mostrou consideração para com o relato de sonhos, mas, o que ele estava pretendendo, à parte o fato mesmo de resgatar isso, é dar destaque a alguns aspectos do desenvolvimento da técnica psicanalítica tendo o sonho como paradigma.

No começo do trabalho psicanalítico havia, da parte de Freud, uma intenção muito clara para com o que ele considerava ser o potencial terapêutico da psicanálise e embora correndo o risco de abreviar em excesso as idéias freudianas, gostaria de tentar esquematizar o modelo que sustentava esta concepção inicial do tratamento psicanalítico.

A primeira impressão obtida por Freud com seu método de investigação mostrava que o sofrimento psíquico era decorrente de um evento traumático experimentado pelo paciente com grande intensidade e que o levava a banir o conteúdo traumático do livre comércio associativo com as idéias conscientes. Constatava-se então que as representações traumáticas formavam um grupo psíquico separado, determinado essencialmente por uma forma de desativação promovida pela retirada da carga afetiva deste grupo de representações.

Neste panorama psicopatológico a intervenção psicanalítica pretendia recuperar as idéias excluídas da consciência e permitir com isso a elaboração do afeto penoso ligado à vivência traumática. Havia na intenção de Freud um claro anseio de, como ele mesmo afirmava em sua "Psicoterapia da Histeria" (1895), promover o preenchimento das lacunas mnêmicas pela revelação consciente do conteúdo traumático.

É inevitável reconhecer neste momento da obra, que tal anseio freudiano, quanto à terapêutica psicanalítica, pode muito bem ser descrito como romântico, já que concebia a recuperação de um possível estado de integridade da memória, que permitiria ao paciente a restituição de sua condição de liberdade para ser feliz. A psicanálise enquanto terapêutica visaria, em última instância, à produção de um estado de bem estar e felicidade.

Mesmo depois de sua carta, (69) a Fliess (1897), onde dizia que já não podia continuar acreditando na veracidade dos traumas relatados por suas pacientes histéricas pois elas mentiam, e que o levou por fim a desenvolver o conceito de fantasia e passar a entender o trauma a partir de seu alcance de realidade psíquica, Freud continuou bastante próximo da perspectiva terapêutica descrita anteriormente.

Em "A Interpretação de Sonhos" (1900), podemos observar que a técnica freudiana atinge os limites extremos do propósito de revelar o inconsciente a partir da transformação do conteúdo manifesto nos pensamentos oníricos latentes. Observando os inúmeros exemplos de interpretação de sonhos que Freud nos forneceu ao longo desta obra, podemos sem dificuldade verificar como ele se dispunha a aderir insistentemente ao propósito de traduzir todas as sobredeterminações nos sonhos contidas. Freud seguia interpretando um sonho sessões a fio, buscando novas associações a partir de cada um de seus elementos, na expectativa de esgotar todo sentido ligado aos pensamentos oníricos.

Teoricamente, levando esse modelo às raias do exagero, poderíamos afirmar que um único sonho seria capaz de nos conduzir à revelação de todo conteúdo inconsciente, já que toda articulação desejante do sujeito teria necessariamente que se mostrar aí referida. A bem da clareza, vou detalhar um pouco mais essa idéia, no próprio texto "A Interpretação dos Sonhos" (1900), capítulo VII, podemos encontrar uma extensa teorização sobre o modelo de aparelho psíquico concebido por Freud. No bojo deste trabalho, é possível apreender a concepção de sujeito pela qual ele se orientava em seu pensamento psicanalítico.

O sujeito da psicanálise é desde sempre marcado pela cisão, muito diferente dos modelos de pensamento para os quais o sujeito está centrado na consciência e a partir dela organiza seu comportamento. O núcleo do sujeito, para a psicanálise, está lastreado pela dinâmica inconsciente e é daí que extrai sua energia, atrelado que está à condição de ser desejante. O eu, tal qual aparece para a consciência, é apenas o produto de um arranjo adaptativo que tenta manter íntegra e relativamente coesa, através da produção de sínteses, a percepção que temos de nós mesmos e do mundo externo.

Seguindo este raciocínio, não é possível pensar que um processo analítico possa redimir o sujeito de sua cisão fundamental. Não há como supor que o inconsciente possa ser traduzido ao consciente ou que um sonho possa ser interpretado até os limites do desejo, pois aí está amarrado o sujeito em sua possibilidade de existência.

Freud nunca deixou dúvidas quanto à importância por ele atribuída aos sonhos. Desde o começo se deu conta disso e descreveu a interpretação de sonhos como sendo a via régia de acesso ao inconsciente e consoante a isso, sua técnica atribuía condição de privilégio ao sonho comparado a qualquer outro elemento da narrativa do paciente.

Gostaria, a propósito das questões levantadas, de citar um importante trabalho de Freud, onde os sonhos são tomados em uma perspectiva bastante incitante, não por trazer mudanças conceituais mas por ser fruto de uma abordagem que, nas palavras dele, nos apresenta os sonhos que não foram sonhados. Refiro-me ao texto "Delírios e Sonhos na 'Gradiva' de Jensen" (1907[1906]), no qual Freud desenvolve idéias muito interessantes a partir de um texto literário.

São os sonhos de Norbert Hanold, personagem criado por Jensen, que Freud irá interpretar. Além da indizível beleza do texto, encontraremos também



aí, muitas oportunidades para uma melhor compreensão do método de trabalho freudiano com os sonhos, revelados de uma forma clara e estimulante para todos os que se interessem pelo pensamento psicanalítico. Todavia, gostaria de chamar especialmente a atenção para alguns momentos do texto nos quais Freud discute aspectos gerais da técnica psicanalítica. Ele nos fala, por exemplo, sobre o relacionamento de Gradiva (Zoe Bertgang), com Hanold e de como descobre aí semelhanças com o relacionamento analista-paciente.

Zoe acolhe o discurso de Hanold sem tentar dissuadi-lo de seu juízo delirante nem reduzir suas palavras à condição de puro absurdo. Ela o toma como algo a ser revelado ou antes, como algo revelador da história pessoal e portanto da verdade daquele sujeito. Sobre isso Freud comenta o seguinte:

*“Ela então aceitou de bom grado a demonstrar seu modo de andar, e isso mostrou que a única diferença da escultura de Gradiva era que em lugar de sandálias a jovem trazia delicadas botas cor de areia de fino couro — o que ela explicava como uma adaptação ao presente. Evidentemente ela apreendia a essência do delírio do arqueólogo, sem contestá-lo uma única vez.” (29 pp.).*

Seguindo esta linha de raciocínio, Freud afirma que este é também o modelo da intervenção analítica, usar o discurso do paciente como narrativa de um sonho, aproveitando toda riqueza da ambigüidade contida nas palavras para ampliar o campo de significação das vivências emocionais do paciente. Diz ele:

*“Ela aceitou o papel de um fantasma redivivo por uma fugaz hora, papel que, como ela percebera, o delírio de Hanold lhe atribuíra, mas, ao aceitar sua oferta das flores dedicadas aos mortos e ao lamentar que ele não tivesse escolhido rosas, insinuou delicadamente com palavras ambíguas a possibilidade de ele admitir uma nova situação.” (74 pp.).*

Quando em 1914, desenvolveu sua conceituação sobre o narcisismo no importante texto chamado, “Sobre o Narcisismo: uma Introdução”, Freud pôde a partir destes novos elementos teóricos retomar o trabalho dos sonhos procurando ampliá-lo à luz de suas recentes descobertas. Produziu então algum tempo depois, uma interessante publicação intitulada “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos” (1917 [1915]), onde além do narcisismo, procura integrar também os resultados teóricos obtidos com outros trabalhos metapsicológicos escritos neste mesmo período, como “O Inconsciente” (1915) e “A Repressão” (1915), entre outros.

Freud dedicou-se a uma pormenorizada descrição do intenso retraimento narcísico do estado de sono, que ele comparou ao modelo da vida intra-uterina, e nos revelou como a partir dele pode ser entendido o movimento regressivo que permite a formação dos sonhos e a vivência alucinatória que acompanha os mesmos. Regressão que ele tipificou como sendo de duas ordens. Uma

delas percebida na direção libidinal que faria reinstalar no ego uma vivência próxima do narcisismo primário e outra do próprio ego que retomaria o modelo de satisfação alucinatória do desejo.

Outro aspecto deveras interessante deste trabalho é a aproximação que Freud fez entre o fenômeno onírico e a psicose. Para ele o sonho é uma psicose alucinatória que se redime mediante o despertar do indivíduo. Afirmou ainda que na psicose não haveria, como no sonho, o movimento de regressão da libido, mas antes, a irrupção do processo primário a partir do inconsciente em direção à consciência.

Não iremos encontrar neste texto todavia, qualquer alusão a uma reformulação quanto à técnica psicanalítica no que diz respeito aos sonhos. Entendo porém, que este momento da obra freudiana estava absolutamente marcado por insurgentes transformações tanto teóricas quanto técnicas, que por fim, iriam desembocar nos textos da segunda tópica, que trariam consigo uma nova teoria pulsional e um novo modelo de aparelho psíquico.

O aparecimento do conceito de pulsão de morte trouxe uma significativa mudança para a compreensão dos sonhos. Já não era mais possível sustentar que os sonhos pudessem ser explicados somente como forma de realização de desejo. E foi sobre isso que Freud se deteve no seu texto, "Além do Princípio de Prazer" (1920), onde insistia que a compulsão à repetição sobrepuja o princípio de prazer e se valeu, para ilustrar isso, dos sonhos que acompanham as neuroses traumáticas. Cito aqui as palavras de Freud:

*"A realização de desejo é, como sabemos, ocasionada de maneira alucinatória pelos sonhos e, sob a dominância do princípio de prazer, tornou-se função deles. Mas não é a serviço desse princípio que os sonhos dos pacientes que sofrem de neurose traumática nos conduzem de volta, com tal regularidade, à situação em que o trauma ocorreu. Podemos antes supor que aqui os sonhos estão ajudando a executar outra tarefa, a qual deve ser realizada antes que a dominância do princípio de prazer possa mesmo começar. Esses sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a ansiedade cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática. Concedem-nos assim a visão de uma função do aparelho mental, visão que, embora não contradiga o princípio de prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que o intuito de obter prazer e evitar o desprazer." (48 pp.).*

O que me parece importante assinalar aqui é a compreensão de Freud sobre uma função dos sonhos que esteve ativa antes mesmo da organização rudimentar do aparelho psíquico regido pelo diferencial prazer-desprazer. Ele acabou sendo levado por suas descobertas a perguntar-se o seguinte:

*"Não podem os sonhos que, com vistas à sujeição psíquica de impressões traumáticas, obedecem à compulsão à repetição, não podem esses sonhos, ocorrer fora da análise também? E a resposta só pode ser uma afirmativa decidida." (49 pp.).*

Penso que essas novas considerações apontam para uma inevitável revisão do papel do analista. Na primeira tópica, sob a égide do princípio de prazer encontrávamos o analista diante de uma tarefa de desvendar, através da interpretação, o reprimido inconsciente. Já nesta nova perspectiva trazida pela pulsão de morte, o analista teria que se haver com o que está além das representações reprimidas. Literalmente Freud aponta para uma função do aparelho psíquico que não se desenvolveu, que falhou e busca na repetição uma possibilidade de inscrição psíquica ou, nas palavras dele, de sujeição psíquica.

O campo dos sonhos se ampliou para além do mapeado, estendeu-se à terra virgem da pulsão e ao analista resta aparelhar-se para expor-se a essa nova empreitada. Gostaria de tecer algumas considerações sobre a questão da técnica para poder dar conta desta ampliação das fronteiras do trabalho analítico. A primeira coisa que me ocorre é que já não é possível imaginar que um sonho possa ser interpretado até os limites de sua condição de significação, bem como já não se considera mais a possibilidade de tornar consciente o inconsciente. Nem me parece justificável do ponto de vista da técnica, destacar o sonho do restante do material associativo trazido pelo paciente. Ao analista, cabe sustentar sua atenção flutuante e não privilegiar o que quer que seja no discurso do paciente a partir de expectativas de valor preconcebidas.

Assim como o sonho se apresenta com sua nova função de sujeição psíquica de experiências emocionais até então não simbolizadas, também o encontro analista-paciente estará inevitavelmente se prestando às irrefreáveis demandas pulsionais que ainda não foram sujeitadas psiquicamente. Temos, neste sentido, de considerar que a experiência transferencial que traz para o vínculo as repetições do reprimido, já não poderá cobrir todos os acontecimentos da análise. Uma parte importante desta experiência precisará ser reconhecida como estando fora da conceituação clássica de transferência, já que aponta para o novo como possibilidade de simbolização de situações emocionais nunca antes vividas.

Quero por conta do que expus, fazer um breve relato do caso de uma paciente que me parece poderá ilustrar essa forma de encarar o potencial de simbolização do sonho e do ato analítico como indo além do campo do já representado. Trata-se de uma mulher de 34 anos, casada e que está vivendo uma gravidez. Curiosa a escolha do verbo viver, mas, sem dúvida me parece muito apropriada para expressar a experiência dela.

A paciente já tem um filho que está atualmente com quatro anos de idade e uma das preocupações dela nesse momento são os sonhos recorrentes que tem tido a respeito desse menino. De uma forma geral esses sonhos trazem um grande temor de que ele morra, mais especificamente, que morra por afogamento. Selecionei dois sonhos que me parecem bem ilustrativos e que foram sequenciais. No primeiro, ela me conta o seguinte: Ela estava em um sítio com outras pessoas amigas e de repente se dá conta que o filho está sumido, fica muito apreensiva, vai até a piscina e lá descobre o filho no fundo. Tiram a criança da água e o marido tenta salvá-lo mas não consegue e a criança morre.

Quando chega à sessão, ela me conta que estava desesperada para vir, pois queria que eu a ajudasse a entender o sonho para que sua angústia diminuísse. Perguntei-lhe então porque achava que o sonho mostrava o filho em perigo de se afogar se quem estava na água era sua filha (ela já sabe pelos exames pré-natais que espera uma menina). A paciente ficou visivelmente tocada pela questão, guardou um longo silêncio até que começou a trazer algumas associações muito importantes sobre a maternidade e, em especial, com relação ao fato de estar prestes a ser mãe de uma menina. Chora bastante e me conta como sentia que todas as mulheres da família eram "do mal". Sua avó, sua mãe, a irmã mais velha, todas pessoas muito perturbadas e segundo ela, definitivamente incapazes de devoção materna.

Eu lhe disse que no sonho havia precisado do homem (seu filho e seu marido), assim como no início da sessão havia dito que estava precisando de mim. Minha intenção era apontar que ela fizera uma substituição protetora, ainda que não de todo eficiente para aplacar a angústia.

Ela virou-se no divã, encolheu as pernas e ficou assim durante um bom tempo, parecendo tranqüila. Depois de uns quinze minutos a sessão de aproximava do final e eu lhe disse esta frase: Você e sua menina puderam ficar tranqüilas aqui dentro.

Na sessão seguinte, ela me contou outro sonho: Também estava num lugar que tinha piscina e começou a ficar aflita pelo filho. Dirigiu-se então para onde ficava a piscina e ao chegar viu que seu filho estava brincando dentro da água com um homem mais velho que tomava conta dele segurando-o pelos braços. Perguntei-lhe como tinha se sentido no sonho e ela me disse que tinha lhe ocorrido uma grande sensação de alívio e que enquanto me respondia isso havia pensado que talvez pudesse ficar com a menina, como na última sessão.

Bem, todos sabemos dos limites que enfrentamos quando expomos um caso clínico assim precariamente, mas espero poder justificar tal risco pela intenção de reconhecer neste breve relato um movimento da paciente na direção de algo que era sentido por ela como uma desorganização assustadora mas que, afinal, pôde revelar-se uma experiência transformadora. O que busco apresentar neste trabalho, através do tema dos sonhos, é a maneira como entendo a posição do analista quando defrontado com situações da clínica que o expõem ao que está além dos limites da organização do representado, ou seja, do inconsciente reprimido. Acredito que a essência do trabalho do analista seja promover, através de suas intervenções, a desorganização do tecido resistencial do eu. Winnicott (1954), por exemplo, tratou desta questão quando assinalava a importância do movimento regressivo durante o trabalho analítico. Segundo ele, a regressão em análise poderia ser assim compreendida:

*"É como se existisse a expectativa do surgimento de condições favoráveis que justificassem a regressão e oferecessem uma nova chance de desenvolvimento progressivo, tornado impossível, ou dificultado no início, pelo fracasso ambiental." (463 pp.).*

Na sessão em que minha paciente contou seu primeiro sonho, penso reconhecer um movimento que teria sido propiciador deste abandonar-se a uma situação mais regressiva, onde algo pode ser vivido de maneira diversa com relação a toda experiência anterior. Permitam-me falar um pouco mais a respeito do caso. Em sua primeira gravidez, note-se, não planejada e envolta numa série de dificuldades com o recente matrimônio, a paciente, pouco depois do parto, começou a manifestar um quadro de anorexia, um dos motivos pelos quais procurou análise.

A situação atual é bastante diversa, já que a paciente superou seus problemas com a alimentação e vive um momento particularmente estruturado de sua vida, que tornou possível ao casal decidir-se por um outro filho. Com o advento da gravidez e, especialmente, pelo fato de estar esperando uma menina, a paciente passou a ter que lidar com situações muito ameaçadoras. Claro que, do meu ponto de vista, a possibilidade de viver estas ameaças é uma conquista dela nesses anos de análise e acredito que agora, ela esteja pronta para lidar com essas questões tão fundamentais de sua vida.

Se por um lado poderíamos optar por seguir todo um caminho de fantasias cingindo a temática da castração, penso que tão importante quanto isso tenha sido permitir que a paciente se visse exposta à sua própria condição de desamparo frente à figura materna. Algo na experiência de estar comigo, tendo eu assinalado para ela o que me parecia ser sua manobra de proteção por trás da figura masculina, parece ter-lhe permitido uma maior possibilidade de entrega.

No segundo sonho há um homem cuidando de seu filho e ela me diz que enquanto relatava seu sentimento sobre o sonho, pensou em ficar novamente a sós com sua filha e nesse momento me parecia estar se sentindo livre e tranqüila com sua experiência de ser mãe.

Quando relatei o caso, usei o verbo viver e a expressão me pareceu interessante pois acho que aponta para nossa tarefa como analistas. Mais do que reviver acontecimentos com o paciente, penso que tenhamos que promover situações cuja desorganização regressiva permita o surgimento de uma outra possibilidade do viver para o sujeito. Analista e paciente no campo onde o sonho empresta contornos ao vivido, ou como queria Freud, onde o sonho busca a sujeição do pulsional no psíquico.

*ABSTRACT: This text attempts to, briefly, review Freud's journey related to the subject of dreams: from his first theories in The Interpretation of Dreams (1900) to the deepest changes brought about in Beyond the Pleasure Principle (1920). It is an attempt to ponder what the consequences, within the psychoanalytic clinic may be, when the drive field, and therefore what's not represented psychically, is taken into consideration. What we are dealing with is the clinic of what's not even repressed and therefore demands, from the analyst, a*

*thorough critical exam of his/her technique to be able to tend to the broadening of the analytic encounter.*

*PALAVRAS-CHAVE: Sonhos, psicanálise, reprimido, desejo, representação, pulsional e traumático.*

## BIBLIOGRAFIA

- FREUD, Sigmund (1895a). "Cartas a Fliess" carta 22, *ESB*, volume I, Rio de Janeiro, Imago Editores, 1980.
- \_\_\_\_\_ (1895b). "Psicoterapia da histeria", *ESB*, vol. II, Rio de Janeiro, Imago Editores, 1980.
- \_\_\_\_\_ (1897). "Cartas a Fliess" - carta 69, *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro, Imago Editores, 1980.
- \_\_\_\_\_ (1900). "A Interpretação de sonhos", *ESB*, vol. V, Rio de Janeiro, Imago Editores, 1980.
- \_\_\_\_\_ (1907[1906]). "Delírios e sonhos na 'Gradiva' de Jensen", *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro, Imago Editores, 1980.
- \_\_\_\_\_ (1914). "Sobre o narcisismo: uma introdução", *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago Editores, 1980.
- \_\_\_\_\_ (1917[1915]), "Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos", *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago Editores, 1980.
- \_\_\_\_\_ (1920). "Além do Princípio do Prazer" *ESB*, vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago Editores, 1980.
- WINNICOTT, D.W. (1954) - "Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico" In *Textos selecionados: Da Pediatria a Psicanálise*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1978.

Rua João Moura, 647 - cj. 121  
Pinheiros - São Paulo - 05412-001  
Tel: (0\*\*11) 881-7906  
E-mail: zcgarcia@nuteccnet.com.br



# FREUD E FERENCZI: A HISTÓRIA DE UMA CONTROVÉRSIA E ALGUNS DE SEUS DESDOBRAMENTOS

Lineu Matos Silveira\*

Psicanalista

Membro do Grupo de Resenha e da Comissão de  
Publicação do Departamento Formação em Psicanálise.

*RESUMO: Este trabalho conta a história da controvérsia entre Freud e Ferenczi. Ele considera a noção ferencziana de trauma, como vista em "Confusão de língua entre os adultos e a criança" (1932), como central na psicanálise moderna, bem como presente em alguns escritos de Freud.*

\* Agradeço a Marly Goulart pela generosa orientação que deu a este trabalho.

## INTRODUÇÃO

Do ponto de vista de alguém que fez a formação em psicanálise no Sedes, como eu, o nome de Ferenczi remete a uma série de notas de rodapé em textos freudianos: um colaborador de Budapeste, introdutor do conceito de introjeção, fornecedor de exemplos clínicos e pouca coisa mais.

Como curioso da história da psicanálise, sabia um pouco mais: era um dos pioneiros, um dos membros do comitê secreto, uma personalidade afável, interlocutor constante de Freud até que, como tantos outros, se afastasse. Mas por qual motivo mesmo? Esse é exatamente o problema, qualquer história da psicanálise ou da vida de Freud parece ser mais eficiente, viva e colorida ao falar da dissensão de Jung ou Adler, por exemplo. São histórias que se aprende e se repete com certa facilidade, a de Ferenczi tinha uma qualidade meio escorregadia que dificultava sua retenção.

Comecei a me interessar por estudar Ferenczi mais a fundo ao ler alguns artigos sobre técnica, onde se comentava o afastamento de Freud; como havia essa impressão nublada de memória acreditei que uma consulta a um ou dois livros de referência histórica resolveria meu problema. Bem, hoje eu sei que essa era uma crença ingênua e o que deveria ter sido uma etapa da pesquisa acabou se transformando em seu objeto privilegiado. Isso aconteceu porque comecei a encontrar não só perspectivas diferentes entre as fontes, o que é natural, mas perspectivas opostas, o que já é mais raro, e, além disso, fatos incongru-



entes, o que compromete a própria possibilidade de construir uma perspectiva. Com a ampliação de espectro de pesquisa fui percebendo que alguns autores eram contrários a Freud, e por isso defendiam Ferenczi, outros atacavam Ferenczi num trabalho evidente de expurgo de qualquer traço da biografia que pudesse impedir Freud de ser canonizado. Esses eram os mais nefastos e os mais fáceis de descartar, a não ser quando a sua palavra já se havia transformado em história oficial da nossa disciplina. Em outras fontes se via a preocupação já com os dois lados da questão, mas ainda tomando como fatos alguns dos episódios dos detratores acima citados. Um terceiro tipo de fonte, categoria a que pertencem os textos mais atuais, da era de um Ferenczi reabilitado, não era menos frustrante porque já dava a história dessa controvérsia como conhecida.

Em vista disso, acabei garimpando nos textos que estão na bibliografia os dados dos aspectos pessoais, políticos e teóricos que contribuíram para a controvérsia final entre os dois. Trata-se evidentemente de uma colagem pessoal, mas que tem duas grandes pretensões: ser isenta de partidarismos e a de fornecer o relato com começo, meio e fim de um episódio importante e alguns de seus desdobramentos.

\*

A controvérsia entre Sigmund Freud e Sándor Ferenczi cristalizou-se em 1933, com a publicação do trabalho "Confusão de língua entre os adultos e a criança", pelo analista húngaro, onde ele parecia, ao enfatizar o fator traumático, exógeno, da etiologia da neurose, se afastar das concepções teóricas freudianas, iniciando um flerte perigoso com um antigo engano: a teoria da sedução (Freud 1925). No artigo, ele postula que a criança se liga a seus adultos significativos com a linguagem da ternura, livre da ambivalência emocional característica dos adultos. Quando, por qualquer motivo, a linguagem passional, carregada de destrutividade, marca do adulto, emerge na relação com a criança, o efeito sobre o psiquismo infantil é avassalador. Ocorre a introjeção do sentimento de culpa do adulto, mecanismo denominado de identificação com o agressor, promovendo uma clivagem ou atomização da personalidade. Seus traços mais marcantes são: um dano mortal à parte espontânea e criativa da mente e um precoce amadurecimento de disposições intelectuais, exemplificada pelos sonhos do bebê dúbio. Em sua forma de se comportar, a criança pode tomar duas atitudes opostas, ficar incontrolável ou rigidamente obediente.

A réplica de Freud teria vindo no artigo "Análise Terminável e Interminável" (1937), quatro anos depois da morte de Ferenczi. Nele é abertamente combatido o ponto de vista de Ferenczi sobre a importância do trauma, é enfatizada a força constitucional das pulsões como limite à terapia psicanalítica, sendo os casos traumáticos, inclusive, considerados de melhor prognóstico. Pode-se perceber por todo o artigo uma insistência em acentuar as dificuldades e os impedimentos no caminho do tratamento pela psicanálise. Nesse tom emocio-

nal, Freud muda sua opinião sobre o caráter profilático de uma análise, afirmando que uma pessoa não está mais segura contra a eclosão de uma neurose, antiga ou nova, tendo se submetido ao processo. Por toda sua obra, lemos que uma pessoa, ao resolver sua neurose de transferência estará mais apta a encarar a vida. Talvez isso se deva em parte ao fato dele mencionar, sem citar nomes, o caso clínico do Ferenczi paciente, ao defender sua tese. Foi ele quem acusou seu analista, o próprio Freud, de não prestar suficiente atenção à transferência negativa. Ao responder à acusação do discípulo, esquece de seus próprios ensinamentos.

Só se volta a ter notícias sobre o desacordo vinte anos depois, quando Ernest Jones, em sua biografia (1954) de Freud, afirma que Ferenczi teve acentuada deterioração mental em seus últimos anos de vida, apresentando sintomas psicóticos no processo e comprometendo assim sua produção teórica. Somente vinte anos depois? A verdade é que nos trinta anos seguintes à morte de Ferenczi, tanto seu nome quanto suas contribuições foram deixados de lado da história oficial da psicanálise, especialmente no que diz respeito a essa controvérsia.

Michael Balint (1968), psicanalista, herdeiro espiritual e tutor legal de tudo que Ferenczi deixou escrito, propõe que a causa desse ostracismo foi o efeito traumático - no sentido ferencziano do termo - que teve sobre o mundo psicanalítico uma tal discórdia entre dois de seus mestres consumados. Algo que por sua natureza não pode ser falado. Apesar dos vários anos de recuperação e estudo das obras de Ferenczi, ainda se pode perceber efeitos do impacto. A sua controvérsia com Freud ainda é uma história difícil de se encontrar relatada sem posicionamentos inflamados de defesa e ataque às partes, prejudicando uma visão serena sobre o quê, de fato, aconteceu.

A literatura faz pensar que o melhor início para essa história seja o período em que Ferenczi (1919), testava a chamada técnica ativa, logo depois de sua análise com Freud, durante a primeira guerra mundial. Esta, basicamente, consistia em o analista fomentar alguns aumentos de tensão nos pacientes, com o objetivo de promover mudanças internas: desfazer recalques, transformar afetos desagradáveis que acompanhavam sintomas e incrementar o fluxo de associações, como resultado final. Foi o próprio Freud quem lançou as bases da idéia (como se pode ver em "Linhas de progresso na terapia psicanalítica", de 1919), ao apoiar-se em dois procedimentos testados: a exposição de pacientes agorafóbicos às situações ansiógenas e a estipulação de um prazo para o término da análise, como fizera com o *Homem do Lobos*. O sucesso terapêutico era esperado nos casos em que o analista encontrasse o momento ótimo para agir. Isso não aconteceu em todos os casos, desestimulando Freud quanto a novos experimentos técnicos que visassem à redução do tempo de análise - posição devidamente marcada em "Análise Terminável e Interminável". A reação de Ferenczi, no entanto, foi diferente, ele se impressionou com o que observou ser um certo padrão nas regressões forçadas por essa técnica. Os pacientes pareciam retornar a reações primitivas nas quais seu ambiente os havia hiperestimulado sexual e/ou agressivamente, ou então frustrado persistentemente e, num segundo momento, o ambiente

negava ou repelia qualquer forma de reconhecimento da existência do primeiro momento. Estava estabelecida a confusão de língua e nascia o trauma.

Ferenczi começa a achar que, se encontra pacientes com tais fixações, sua resposta como analista não poderia ser igual à do ambiente no momento do trauma, afinal ele mesmo havia acabado de hiperestimular, com sua técnica ativa, ao paciente. Caso se mantivesse aferrado ao princípio de abstinência, estaria reproduzindo o padrão traumático ponto a ponto. A partir daí, desenvolve o princípio da relaxação (Ferenczi, 1926) - oposto à técnica ativa exatamente por promover estados de tensão rebaixada. Passa também a atacar o que chama de "hipocrisia profissional" do analista, por ser descomprometida com os sofrimentos apresentados pelos pacientes. Decide atender aos anseios e súplicas dos pacientes regredidos como forma de corrigir a falha que o ambiente havia cometido. Freud lhe aponta que só obteria sucesso terapêutico enquanto pudesse satisfazer as necessidades dos pacientes, caso contrário, (lembrando, por exemplo, o caso Anna O / Breuer) (Balint, 1968), a piora de suas condições seria inexorável. Nesse ponto, o clima de colaboração entre os dois começa a cessar.

Vários fatores se alinharam para esse resultado final. Uma primeira cunha na relação foi colocada quando Ferenczi se recusa repetidamente a assumir a presidência da IPA, de modo a concentrar-se em seus experimentos (Sabourin, 1985). Em 1931, ele ainda é chamado para expor um trabalho (Ferenczi, 1931), por ocasião do 75º aniversário (06/05/1931) de Freud, na Associação Psicanalítica de Viena, em cujo intróito destaca os anos de colaboração, a despeito de eventuais diferenças de pontos de vista, assinando que ambos sempre concordaram em relação ao que era essencial na psicanálise.

A discórdia explode intramuros, por assim dizer, ao chegar aos ouvidos de Freud uma declaração de Clara Thompson, paciente de Ferenczi, que alegava poder "beijar papai Ferenczi tantas vezes" quanto quisesse. A admoestação de Freud é fulminante, e escreve: "... segundo me lembro, o pendor para o jogo sexual com pacientes não lhe era estranho nos tempos pré-analíticos, de modo que se poderia estabelecer uma relação entre a nova técnica e o antigo erro" (13/12/1931) [Ferenczi, 1969 (1932)]<sup>1</sup>

Somente catorze dias depois<sup>2</sup> Ferenczi [1969 (1932)] consegue responder, reconhecendo que fora "... esta a primeira vez que o nosso relacionamento se vê temperado por momentos de incompreensão" (33 pp.).

Na mesma carta, ele também ressalta algo que pode ser importante na compreensão mais profunda da distância que os separava no plano das concepções sobre psicanálise. Lembra de uma diferença entre os dois quanto à comunicação de questões técnicas: era um assunto sobre o qual Freud achava que se devia falar o mínimo, enquanto Ferenczi considerava de fundamental importância esse tipo de comunicação. Com certeza, isso decorre da postura de cada um perante a psicanálise como forma de psicoterapia. Freud era cético e Ferenczi, um entusiasta.

<sup>1</sup> Do prefácio de Judith Dupont ao Diário Clínico de Ferenczi.

<sup>2</sup> A correspondência entre os dois durava já vinte e três anos e quando um deles demorava uma semana para responder, iniciava a carta explicando o atraso, se desculpando, tal a frequência cerrada das cartas entre os dois. Na época, uma carta entre a Áustria e a Hungria demorava no máximo dois dias para chegar a seu destino.

A diferença de caráter também influi diretamente nas noções de técnica que cada um desenvolve. Em Ferenczi (1932), temos que o paciente regredido “em transe”, é incapaz de ser abordado por uma interpretação racional, sua sensibilidade só será tocada por uma “benevolência (*Freundlichkeit*) materna”. Enquanto que, por seu lado, Freud afirma: “Não gosto de ser a mãe na transferência, isso sempre me surpreende e me choca um pouco”, embora não lhe passasse despercebido o resultado clínico disso: “Os problemas terapêuticos não me interessam muito (...) Sofro um certo número de handicaps que me impedem de ser um grande analista. Entre outros, sou um pouco demais um pai.” (Sabourin, 1985). Parece claro que isso implica em quanto cada um tolera de regressão nos pacientes e, ao mesmo tempo, o quanto está disponível para se engajar em relações transferenciais do tipo pré-edípico.

Ferenczi estava diante de pacientes que lhe exigiam uma nova técnica, se dispôs a esse trabalho e, a partir daí, criou uma nova metapsicologia do trauma. O psicanalista espanhol Luis J. Martín-Cabré (1997), em seu artigo “Freud - Ferenczi: controvérsia terminável e interminável”, defende a tese de que esse novo conceito não só não é um retorno à teoria da sedução, como decorre diretamente das idéias de Freud, amplificando-as. E ousa ir ainda mais longe, seguindo a idéia de Balint, sugere que o efeito que o trauma da controvérsia teve sobre o mundo psicanalítico, foi sua fragmentação: em um campo da teoria das relações objetais e outro, da teoria das pulsões. O elo partido da corrente poderia ser exatamente a noção ferencziana de trauma, que tanto respeitaria a pulsão quanto a influência do objeto em seu destino.

Sua argumentação parte da discussão sobre a natureza da fantasia, como sendo esta a verdadeira pauta em jogo. Mais especificamente, de como se concebe a relação entre realidade externa e vida de fantasia. Pode-se acreditar que elas são apartadas, de existência independente ou, como ele acredita, há uma dialética onde a fantasia “reúne e processa elementos da realidade histórica, reelaborando-a de acordo com suas necessidades defensivas”. Essa segunda alternativa não só afirma a pulsão como “confirma seu encontro com o objeto” (108 pp.). Em apoio a essa hipótese, recorda que Freud sempre acreditou na existência de um núcleo de verdade histórica dentro das fantasias, como podemos ver comprovado, por exemplo, em seus extensos debates sobre a realidade presente nas fantasias dos lobos e na do pássaro de Leonardo da Vinci.

Em Leonardo, encontramos não só a confirmação de sua procura pela verdade histórica encoberta na fantasia, como uma impressionantemente simétrica descrição do choque da confusão de línguas: “Porque a ternura de sua mãe foi-lhe fatal; determinou o seu destino e as privações que o mundo lhe reservava. A violência das carícias evidentes em sua fantasia sobre o abutre eram muito naturais. No seu amor pelo filho, a pobre mãe abandonada procurava dar expansão à lembrança de todas as carícias recebidas (...) Assim, como todas as mães frustradas, substituiu o marido pelo filho pequeno, e pelo precoce amadurecimento de seu erotismo privou-o de uma parte de sua masculinidade” (Freud,

<sup>3</sup> A tradução para o português parece atenuar um pouco o que Freud disse sobre a mãe privar o filho, na Standard Edition lê-se “robbed” verbo roubar, enquanto na Amorrrtu, “lo arrebatara”, tirar com violência, ambas expressões que acentuam a carga destruidora, espoliadora, envolvida no processo.

<sup>4</sup> Paciente com quem Jung teve um envolvimento amoroso. Mais tarde tornou-se psicanalista, escrevendo trabalhos originais sobre a destrutividade como inerente ao ser humano.

1910, 105 pp.) (destaque nosso)<sup>3</sup>. Note-se agora como é descrito em "Confusão de língua" que ocorre o trauma: "(...) um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasias lúdicas (...) O jogo pode assumir uma forma erótica, mas conserva-se porém, sempre no nível da ternura. (...) Se, no momento dessa fase de ternura, se impõe às crianças mais amor, ou um amor diferente do que elas desejam, isso pode acarretar às mesmas conseqüências patogênicas que a privação de amor (...) [É] um enxerto prematuro de formas de amor passional e recheado de sentimentos de culpa num ser ainda imaturo e inocente". (Ferenczi, 1933, 101 a 103 pp.). Na opinião de Martín-Cabré o trauma é conseqüência do encontro entre a pulsão e o objeto, um dado da intersubjetividade. Dois inconscientes se chocando e produzindo efeitos um sobre o outro. O reciocínio clínico que parte dessa concepção permite que as comunicações não-verbalizadas entrem para a possibilidade de ganharem voz.

Essas conclusões seriam impossíveis de alcançar não fosse por uma intensa preocupação clínica. Ferenczi gira o foco da atenção analítica para o inconsciente da pessoa sentada na poltrona, iniciando o estudo sistemático da contra-transferência, conceito que não era estranho a Freud; aparentemente só não lhe era agradável. Em carta a Jung, de 1909 (carta 145F, de 7 de junho), no calor do episódio com Sabina Spielrein<sup>4</sup> ele diz: "Embora penosas, tais experiências são necessárias e difíceis de evitar. É impossível que sem elas, conheçamos realmente a vida e as coisas com as quais lidamos (...) Elas nos ajudam a desenvolver a carapaça de que precisamos e a dominar a contra-transferência que é afinal para nós um problema permanente (McGuire, 1974) (destaque nosso). Um "problema permanente" que Ferenczi insistia em encarar, pagando o preço, mesmo que este fosse uma controvérsia com Freud.

Em português só temos editada a correspondência Freud-Ferenczi até o fim de 1914, muito distante, ainda, dos anos turbulentos da amizade. A leitura das cartas desse período final deverá lançar luz sobre a desavença entre os dois homens de uma forma mais minuciosa. Acreditamos, no entanto, que no que diz respeito às idéias sobre psicanálise pouca coisa nova surgirá. Como foi dito antes, Ferenczi já há décadas recuperou interesse e prestígio dentro da comunidade, seus textos estão à disposição e as implicações de suas idéias foram avaliadas em uma extensa e interessante literatura. Esperamos que este artigo possa ter estimulado a curiosidade e a reflexão em torno desse pedaço reencontrado da história da psicanálise.

\*

*ABSTRACT: This paper tells the story of the Freud-Ferenczi controversy. It considers the ferenczian notion of trauma, as seen in "Confusion of tongues between the adult and the child" (1932), to be central in modern psychoanalysis, as well as present also in some of the Freudian's texts.*

*PALAVRAS-CHAVE: Controvérsia, história da psicanálise, trauma, confusão de línguas.*

## BIBLIOGRAFIA

- BALINT, Michael (1968) "A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão".  
Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- FERENCZI, Sándor (1919) "Dificuldades técnicas de uma análise de histeria". in  
Escritos Psicanalíticos. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora.
- \_\_\_\_\_ (1926) "Contra-indicações da técnica ativa". in Escritos Psica-  
nalíticos. op. cit.
- \_\_\_\_\_ (1933) "Confusão de língua entre os adultos e a criança". Obras  
Completa. São Paulo, Martins Fontes, v.4, 1992.
- \_\_\_\_\_ (1969 | 1932 |) "Diário Clínico". São Paulo, Martins Fontes,  
1990.
- FREUD, Sigmund (1910) "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infân-  
cia". . Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas RJ, Imago,  
v. 11, 1975.
- \_\_\_\_\_ (1919) "Linhas de progresso na terapia psicanalítica" E.S.B.RJ,  
Imago, v.17, 1975.
- \_\_\_\_\_ (1925) "Um estudo autobiográfico" . E.S.B.Rio de Janeiro,  
Imago, v.20, 1975.
- \_\_\_\_\_ (1937) "Análise terminável e interminável" .E.S.B. Rio de Ja-  
neiro, Imago, v.23, 1975.
- JONES, Ernest (1953) "A vida e a obra de Sigmund Freud". Rio de Janeiro,  
Imago, 1989.
- MARTÍN-CABRÉ, L.J. (1997) "Freud-Ferenczi: controversy terminable and  
interminable" Int. J. Psycho-Anal. (1997) 78, 115.
- MCGUIRE, William: organizador (1974) "Freud/Jung: correspondência com-  
pleta". Rio de Janeiro, Imago, 1976, pp. 283-4.
- SABOURIN, Pierre (1985) "Ferenczi, paladino e grão-vizir secreto". São Paulo,  
Martins Fontes, 1988.

Lineu Matos Silveira

End.: Rua Maranhão, 620 Cjto 121 CEP 01240-000

Tel: 3666-3154

E-Mail: liasil@uol.com.br



## SANTA BÁRBARA E O DIVÃ

José F. Miguel H. Bairrão

Professor da Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP e Membro do Departamento  
"Formação em Psicanálise", do Instituto "Sedes Sapientiae".

**RESUMO:** *Este artigo é um convite ao desenvolvimento de pesquisas psicanalíticas que propiciem um entendimento mais profundo do imaginário brasileiro e uma atitude não arrogante perante a cultura popular. Parte-se da hipótese da história pessoal e social serem duas facetas da mesma realidade, recorrendo à tese de na constituição das identidades nacional e pessoais haver processos de inclusão excludente (aqui denominada de adoção madrasta). O bárbaro (o estrangeiro) seria muito familiar, mas a resultante implicaria em ressentimentos e autodepreciações.*

*Infelizmente a clínica e a formação dos analistas têm permanecido alheias a esta problemática, o que se, de um lado é sintomático do fato do mal-estar com a identidade não ser só um problema social (ou dos pacientes), por outro, é inadmissível em função da responsabilidade social da psicanálise no combate a mazelas sociais como o racismo.*

*Conceitos como os de significância e de transicionalidade permitem uma investigação do sujeito a um só tempo social e clínica. O seu enfoque por este prisma é especialmente urgente no Brasil. Bem aplicados, podem transformar-se num instrumento de compreensão e transformação das condições de vida (psíquicas e econômicas) de larga parcela da população, discernindo e resgatando partes da história geral e pessoal dos brasileiros, combatendo a pobreza (simbólica e material) e proporcionando bem-estar.*

Preocupações quanto ao destino da transmissão e da pesquisa em psicanálise no contexto sócio-cultural brasileiro — sublinhadas por inquietações de cunho ético quanto ao potencial papel do ensino e das investigações psicanalíticas na elaboração de condições de vida psíquica e social menos sofríveis e menos sofridas para o largo contingente dos contemporâneos mais próximos na aventura da existência humana — apelam por um olhar atento a possíveis fontes de



desventura que, embora fundamentalmente sociais e históricas, por isso mesmo também podem ser em certa e importante medida tratadas psicanaliticamente (desde que a psicanálise não se comprima ao acanhado circuito dos consultórios e das instituições de formação).

Tanto clínica como didaticamente constata-se ser freqüente que conflitos (psíquicos) de sujeitos que procuram atendimento se elaborem a partir de materiais simbólicos que são patrimônio comum da nacionalidade. Quer na forma do recalque, quer em outras de pior prognóstico, o sofrimento humano sobre o qual nos debruçamos, não obstante se processar segundo injunções peculiares a cada indivíduo, ao mesmo tempo muitas vezes reproduz figuras gerais da antropologia do homem brasileiro. Por outro lado, na maioria das vezes, os estudantes (e mesmo muitos profissionais), não estão devidamente informados nem preparados para enfrentar esse tipo de desafio. Portanto, urgem contribuições para aprimorar a didática da clínica psicológica e psicanalítica, de modo a torná-la mais eficaz nas circunstâncias culturais do seu exercício entre nós. Faz-se necessário produzir saber e procedimentos que, relativamente ao específico campo do saber psicológico e psicanalítico, contribuam para combater o "subdesenvolvimento" (anímico, científico, etc. ...), com a concomitante formulação de mínimos, mas importantes passos na direção de levantar subsídios para que se formem clínicos à altura dos serviços que a realidade nacional deles requer. E para que este objetivo não permaneça intratável, mero pretexto para a proclamação de boas intenções, importa encontrar linhas que permitam consumir uma maneira prática de, no campo da psicanálise (e mesmo da psicologia clínica), pôr as instituições de formação a cumprir um papel social.

Uma estratégia para o cumprir, que se sugere como linha de investigação a ser empreendida, seria verificar como traços culturais singulares da complexidade histórico-antropológica brasileira incidem sobre a clínica e a formação dos clínicos. Porém, importa menos a especificidade das hipóteses aventadas nessa direção (ainda muito tateantes e incipientes) do que o seu implícito cunho de proposta de uma orientação programática instigante e agregadora, convidativa ao desenvolvimento de pesquisas em equipe e de trabalhos coletivos.

Não se trata de, numa visão simplória e equivocada, fantasiar a criação de uma "tecnologia psicoterápica" brasileira, mas sim de verificar operativamente a universalidade do conhecimento já alcançado no campo, explorando ao máximo os recursos que proporciona a serviço da resolução de problemas que não devemos nem poderemos esperar que outros resolvam por nós, por em larga medida nos serem específicos.

Por outro lado, como o conhecimento em ciências humanas tem efeitos transformadores sobre o seu objeto, não se descarta que os estudos surgidos a partir desta proposta possam ter eminente relevância para o paralelo trabalho político e cultural de elaboração e revisão da imagem de largos contingentes da população, eminentemente brasileiros, mas socialmente marginalizados, indiretamente alimentando a construção (simbólica) de um país mais habitável.

Até por isso, parece justo reconhecer que tal programa também atenderia plenamente a preocupações de ordem ética quanto à junção entre a formação clínica e a relevância social da instituição e do saber psicanalíticos.

Cumpra ainda sublinhar que um trabalho deste tipo auxiliaria a discernir e a verificar o lugar e o papel da psicanálise ao lado da psicologia (social) — o que poderia ser um resultado interessante de um empreendimento (coletivo) nessa direção. Mesmo não descurando uma formação que torne o clínico apto a entender a especificidade objetiva e genérica das classificações psicológicas (diagnósticos e deficiências, por exemplo), instruindo-o a proceder de acordo com o que as circunstâncias exigirem e habilitando-o para o diálogo interdisciplinar, as implicações inerentes a uma intervenção no plano da cidadania obrigam a deixar bem marcado um compromisso ético com a singularidade e a irredutibilidade do sujeito a enquadramentos generalizantes (ressaltando as virtudes éticas e epistêmicas da perspectiva psicanalítica). Não para depreciar irresponsavelmente a importância científica e a utilidade técnica dos métodos psicológicos, mas para delimitar a pertinência da sua abrangência por meio da finura e extrema analiticidade do trabalho psicanalítico, inseparável de uma rigorosa fidelidade ao ser subjetivo.

A princípio aventa-se a hipótese de as condições da colonização do país, a humilhação física e simbólica do colonizado, que ao mesmo tempo que é assimilado é parcialmente rejeitado (como bem o assinala o termo “caboclo”) e portanto tem que “se virar” com o remanescente do patrimônio simbólico que o sustentava anteriormente, agora “desvertebralizado” e desvalorizado, serem responsáveis por alguns traços da cultura brasileira contemporânea, alguns dos quais amiúde se traduzem em dramas subjetivos que não se restringem à população sócio-economicamente menos afortunada.

Historicamente, os impasses e as discussões sobre o direito à escravidão e sobre se os “selvagens” teriam ou não alma, são fortes indícios de um reconhecimento assinalado de posições subalternas na ordem da cristandade. Por um lado, diferentemente de outros lugares de colonização “mais branca” — Austrália, América do Norte... — não se intentou um extermínio físico conclusivo, pois por longo período a presença do “bárbaro” na economia destes trópicos fez falta. Por outro, pela natureza dos papéis que os europeus lhes reservavam, os “selvagens”, autóctones ou “importados”, ameríndios e negros, também não podiam ser plenamente assimilados à cultura européia, sob pena de não haver gente para ocupar as posições subalternas. Logo, como que se estabeleceram nichos no âmbito da cultura dominante, até fisicamente reconhecíveis — por exemplo, os diferenciados lugares na celebração de missas reservados a brancos, a “selvagens” batizados e a pagãos “convidados” a as assistir — que, combinados com a resistência dos dominados, garantiram à vida simbólica dos povos subjugados uma sobrevivência fragmentária, por meio da inclusão de muitos dos seus elementos, resignificados em maior ou menor grau, em lugares destinados a marcar uma exclusão do direito de pleno acesso aos bens econômicos e simbólicos.

Porém, ao reconhecê-los subalternos e portanto diferentes, o preço da garantia da discriminação — encarecido pela pressão ressignificadora exercida pelo reprimido, no sentido de este se apropriar de elementos que originalmente lhe eram alheios e recontextualizá-los — foi o reconhecimento e a admissão de marcas da origem “bárbara”, que assim foram preservadas e puderam promover-se a pólos de resistência e de recriação cultural, hoje tão importantes na construção em parte imaginária em parte simbólica, mas também real, de uma brasilidade. Por exemplo, festas indígenas e celebrações africanas associadas ao calendário católico não apenas foram toleradas como foram incentivadas, o que era de interesse mútuo: aos olhos dos dominantes marcavam e marcam a subalternidade, e no coração dos dominados comemoravam e comemoram a origem.

Tão sofridos processos de constituição de uma identidade coletiva, singularmente reproduzidos, repetidos, mais ou menos vividamente, no contexto biográfico da maioria dos brasileiros, no seu conjunto poderiam denominar-se de “adoção madrastra”.

Metaforicamente falando, é como se relativamente à efetiva paternidade européia, ibérica, se guardasse um ressentimento de quem não se sentiu bem desejado, por haver como pai um olhar que mal reconhece o filho, já que o vê como estranho, “estrangeiro”. Mas quando se procura maior conforto do lado da co-origem “bárbara”, no mais das vezes esta é vivida como estigma.

Independentemente do seu relativo sucesso na busca dos “bárbaros” benefícios que possam advir de um reencontro com tais marcas paternas maltratadas, por também lhe serem familiares os valores do “pai branco”, que portanto identicamente herda, o “brasileiro” é obrigado a enfrentar a autodepreciação que nele ecoa em função desta co-filiação.

Resumem-se desta forma algumas indicações que são uma provisória e esquemática tentativa de instrumentalizar estratégias psicanalíticas de resgate desta condição infame e perversa, responsabilizável tanto pelo colorido diferente e atrativo da brasilidade aos olhos da Europa, quanto por impasses subjetivos de muitos terapeutas e de tantos usuários dos seus serviços, os quais podem e devem ser analiticamente (bem) tratados.

A aposta em tratar de algo que a grosso modo se poderia definir como as injunções da paternidade na cultura brasileira conta, ética e epistemicamente, com pelo menos os seguintes pontos a favor:

1 - Trata-se de uma problemática indiscutivelmente universal, pelo seu papel na estruturação de todo e qualquer sujeito. Difícilmente se poderia partir de uma questão mais geral.

2 - Justifica-se pela sua importância do ponto de vista da melhoria das condições de vida (psíquica), já que é em torno do eixo de um Tu como Outro (que organize os limites que são as possibilidades de ser do sujeito) que melhor se pode avançar na direção do estabelecimento de prognósticos mais exatos, na redefinição de orientações de tratamento mais favoráveis, e conseqüentemente amplificar os benefícios de saúde a serem distribuídos pelos atendimentos.

3 - Como se trata de uma problemática em que nitidamente o psíquico se entrelaça com dimensões transpsíquicas, a cultura e a corporeidade, serve de boa plataforma para o desafio de “afinar” cada vez mais a clínica.

4 - Aponta para o aprimoramento da formação do analista numa direção coerente com as exigências da cidadania e o combate à discriminação. A psicanálise deve contribuir para o estudo e o combate ao racismo, principalmente aquele que inadvertidamente reproduza na prática e na formação clínicas.

Por este ângulo, deve-se sublinhar que, apesar de estudos sobre o racismo se multiplicarem em pedagogia e em ciências sociais, a psicologia clínica e a psicanálise têm-se mantido alheias à sua responsabilidade nesse campo.

Ora, possivelmente parcela muito significativa da aflição causada nos principiantes pelos seus atendimentos não se prende à nova responsabilidade profissional em que se vêm introduzidos (e que pode ser motivo de alegria), mas também à dificuldade de encarar uma humanidade de que social e superficialmente se distinguem, mas que íntima e simbolicamente os espelha.

De fato, não é raro ouvir queixas quanto ao abismo social existente entre a clientela de clínicas-escola e os estagiários. Emblemático desta situação é o desabafo de uma aluna que confessava achar impossível auxiliar uma mãe da sua idade, que ganhava por mês o mesmo que ela gastava num final de semana. A sua confissão de uma sensação de impotência se expressava entremeada a um misto de admiração (pela capacidade de sobreviver) com temor pelo estranho. Obviamente essa aluna, aparentemente, não provinha do que o jargão político-jornalístico nos habituou a chamar de “grotões” do Brasil.

Pôr a formação psicanalítica ao serviço do desenvolvimento do país e portanto do seu amadurecimento cultural e do bem-estar da população, não seria também formar clínicos mais preparados para intervir em circunstâncias “grotescas”?

Ou não é importante tomar medidas para que os (mais psíquica do que geograficamente) distantes “grotões” possam ser melhor ouvidos e receber estafeto de cidadania e de legitimidade simbólica, de modo a que a formação clínica não feche os ouvidos à escuta do que Darcy Ribeiro (1995) chamava de “ninguenzada”?

Aliás, a escuta de indivíduos economicamente mais afortunados leva a constatar que esses “buracos enormes”, os “grotões”, existem psíquica e simbolicamente no âmago de tantos que se imaginam distantes deles, causando enorme sofrimento psíquico e dificultando às pessoas o encontro com os benefícios que poderiam receber do resgate de algum tesouro guardado na profundidade dessas “grutas”, que por direito de herança lhes pertença.

Mas, a par da boa vontade, objetivamente existiriam meios teóricos e analíticos capazes de enfrentar o desafio proposto, e haveria um modo de os mobilizar a serviço das metas sugeridas?

Uma maneira de prevenir descaminhos é desde logo indicar o que seria leviano no tratamento da questão. A primeira e maior preocupação deve ser

evitar o psicologismo. Não teria cabimento incorrer em reducionismo, ingenuamente presumindo abarcar o nosso problema com a suposição de aparelhos e mecanismos psíquicos, subsidiariamente projetados em dinâmicas culturais. Tais tentações, não obstante vez por outra surjam em psicanalistas, devem ser contrariadas com o máximo vigor. É exatamente a psicanálise que fornece o quadro que permite fazer uma sua crítica.

Pois não é à toa que psicanalistas como Lacan substituem uma referência problemática ao psiquismo pela atenção rigorosa às conseqüências (amplamente intra e extra-psíquicas) da linguagem. De fato, em concordância com a sua análise e com base na sua contribuição para a psicanálise (em especial a sua elaboração das noções de simbólico e de inconsciente) pode-se conceber a cultura como composição de elementos significantes, eles mesmos constituintes de cada realidade psíquica singular.

Âmago profundo da psicologia e ao mesmo tempo saber que a transcende, é na psicanálise que se encontram os instrumentos conceituais necessários à resolução do desafio proposto. Logo, o que se almeja é bem uma pesquisa psicanalítica, inspirada em procedimentos e preocupações que não foram estranhos a muitos dos luminares da disciplina, começando por Freud.

Abreviadamente, registre-se desde logo alguns dos conceitos que desde já se impõem fundamentais para a transformação destas preocupações num programa de pesquisa. Obviamente, os mesmos não se retiram do contexto psicanalítico, fora do qual seriam inoperáveis. São destacados apenas como indicações de como se poderia enfrentar o desafio.

Da maior importância é o conceito de Outro, com o qual na terminologia lacaniana se refere o patrimônio simbólico, genérico da humanidade e peculiar em cada sujeito. É graças a este que se pode tratar da cultura e do sujeito sem rupturas, pois os seus elementos mínimos, os significantes, podem ao mesmo tempo ter implicações da maior universalidade e as mais sutilmente singulares, dependendo da maneira particular como concernam a cada um.

Além disso a noção de alteridade também é imprescindível por ser intrinsecamente interdisciplinar, propiciando um saudável e necessário intercâmbio entre os saberes do humano. É fundamental ter em mente, por exemplo, dados da história do Brasil, bem como prestar atenção aos estudos antropológicos que sobre o país se debruçam. Mas, por outro lado, na medida em que, ressaltando-se a importância do simbólico e da discursividade, em psicanálise se evitam os perigos do psicologismo, tal interdisciplinariedade não acarreta indefinições quanto a procedimentos, a meios, e a decisões metodológicos.

Estudos de natureza inequivocamente psicanalítica escutam o Outro não necessariamente reduzido à palavra de um indivíduo. Pelo contrário, palavra que atravessa um e muitos falantes, contituindo-os mais ou menos sofredores, e em prol de cujo bem-estar hoje se dispõe de recursos que, segundo Lacan, permitem alterar o seu destino (Lacan, 1991); palavra que não se achata em palavra falada (ou escrita), antes é verbo encarnado e encarnante, sentidos tam-

bém vividos em toda a gama do que freqüentemente se chama de “comunicação não-verbal” (Bairrão, 1996).

Se o conceito de Outro é necessário, por permitir contrariar a tentação de restringir o campo do inconsciente ao psiquismo, não é menos verdade que a intelecção do imaginário, igualmente interdisciplinar, é imprescindível ao desenvolvimento de pesquisas deste tipo. E Lacan claramente indica onde encontrar subsídios para refleti-lo psicanaliticamente. Nem mais nem menos que no ensino dos seus colegas insulares, a “tripeira genial” Melanie Klein e, principalmente, em D. W. Winnicott, a quem reconhece dever a absolutamente imprescindível noção de objeto “a”, que encontra prefigurada na obra do amigo sob a designação de objeto transicional (Lacan, 1985).

Um terceiro conceito interdisciplinar importante para o nosso propósito é o de corpo, psicanaliticamente concebível como o real enunciante e território literal da subjetividade (ou seja, pulsão e lugar real do Outro). Afinal, em última instância, o que psicanaliticamente se precisaria investigar é a interseção entre uma subjetividade enunciante e a sua inscrição no Outro, segundo linhas de força comuns às condições histórico-existenciais da brasilidade (“empiricamente” guardadas no imaginário pessoal e popular). A meta seria pensar essa interface, formulando questões atinentes ao tema, cujos resultados deveriam contribuir para um aprimoramento da aplicação da teoria e da técnica clínicas e desenvolvê-las à altura dos desafios específicos das circunstâncias culturais nacionais.

É a partir destes referenciais que se elabora e se desdobra (em nuances menos abrangentes, embora certamente ainda muito genéricas) a tese acima apresentada. Parte-se da hipótese, embasada em fatos históricos, de que a refiliação forçada pela dominação colonial operou como uma adoção madrastra.

Em princípio, para existir, instituindo-se simbólica e objetivamente, um sujeito tem de ser significado pelo Outro. Enquanto garante de uma posição de ser, psicanaliticamente o Outro, feito “Tu”, interpela “eu” por meio de significantes que cumprem uma função que Lacan denominou de Nome-do-Pai.

Ora, as circunstâncias históricas da filiação no Brasil, dada a visibilidade de algumas constâncias que se reproduzem na clínica, merecem muita atenção. Gerações sucessivas de indivíduos viram-se destituídos de um patrimônio, mais do que econômico, simbólico, sem terem acesso à plenitude do gozo de novos direitos. Isso também não poderia acontecer porque muitas vezes os seus progenitores ibéricos estavam numa posição desfavorável quanto ao reconhecimento pela metrópole. O termo “desterrados” literalmente condensa a condição de muitos: eram degredados de toda a espécie e oriundos de estratos sociais que já na península desenvolviam uma cultura de resistência, como por exemplo cristãos-novos — e por isso há que se prestar atenção à influência da cultura popular peninsular, muito diferente do catolicismo das elites, na formação de uma mentalidade latino-americana e mesmo especificamente brasileira (Espírito Santo, 1990).

A destituição simbólica da cultura original, combinada com a inclusão em outra em condição de subalternidade — conceito antropológico utilizado em estudos sobre o imaginário da população (pobre) de São Paulo, e que em princípio se acolhe (Brumana & Martinez, 1991) —, na medida em que parcialmente repele o “neofiliado” para uma lei mais antiga e portanto paradoxalmente preserva a anterior, embora circunscrita a novo contexto, poderiam explicar um certo manejo do significante e especificamente da língua portuguesa no Brasil, muito atento a similaridades fonéticas e a traços parciais descontextualizados, e menos a conexões semânticas, que redundam na invenção de etimologias e na criação de significados que pura e simplesmente se contrapõem à “ordem” da cultura dominadora?

Por exemplo, Santa Bárbara, na iconografia católica representada com uma espada por ter sido decapitada, vítima e mártir convidativa a uma identificação sofrida, devido à posse da arma e na contramão da doutrina oficial é ressignificada como guerreira invencível. A representação da santa católica, qual resto diurno, passa a ser animada e possuída pela força do sopro da divindade iorubá Iansã (Oyá), qual vento portador da força de desejos e de sentidos reparadores de uma sobrevivente subterrânea identidade, ferida mas resistente.

Se esta linha de análise vier a se revelar frutífera, cumpre estudar até que ponto restos significantes de paternidades recalçadas retornariam reciclados e dispostos a subverter a ordem oficial na forma de elaborações simbólicas que se tende a desqualificar como confusas e a destituir de interesse, por tabela também favorecendo um sistemático enviesamento da escuta de tantos sujeitos brasileiros, se não da sua maioria, na medida em que pela miscigenação de linhagens muitos carregam dentro de si como ancestral um silvícola “selvagem” maltratado e/ou um negro acorrentado e menosprezado por algum capataz que tenha “fornicado” com a filha do primeiro, ou ainda um cristão-novo judeu errante, situável na história e na memória das gerações em posição de traficante de escravos, etc., etc... E as infundáveis combinatórias que se especificam na genealogia concreta de cada um.

De fato, o aparentemente disforme e, mais ainda, a presunção de reinventar favoravelmente a história e estórias — recorro a declaração de um sujeito que se proclamava católico melhor do que o papa, por este não admitir as suas crenças animistas, de inspiração indígena, sem nenhum vislumbre de ironia ou de percepção da ilogicidade da sua declaração —, não obstante fenomenicamente se configurarem uma loucura, não poderão expressar uma forma de reafirmar uma subjetividade desejante com Outro sentido que não o consentido? E se assim for, não será papel do clínico dar ouvidos à algaravia estranhamente familiar que se depreenda dos grotões do inconsciente da população que escuta?

Será que se poderá contribuir para a formação de uma geração de clínicos capazes de fazerem eco a sinais do Outro pseudo-extintos, contribuindo para



o resgate de uma “com-posição” da paternidade mais digna e potente? Tal tarefa não é uma exigência ética?

Tradicionalmente, talvez pelo peso totalizante de modelos marxistas de análise, em ciências humanas tende-se a explicar as desigualdades sociais pela posse dos meios de produção e as relações de poder entre classes. Mas, de uma perspectiva psicanalítica, não parece descabido supor que o que sociologicamente se mostra como uma divisão econômica se reproduz de uma destituição simbólica que também se manifesta intra-subjetivamente. Poderão psicanalistas dar crédito à balela da exclusão social brasileira se explicar apenas por abismos econômicos, ou não será que estes se perpetuam por meio de uma mutilação simbólica mais original?

Ao contrário de outros países, onde as diferenças sociais tendem a ser apenas isso, alíquotas diferentes na taxaço pelo imposto de renda, as dimensões colossais de segmentos sociais de excluídos e a convicção generalizada na impossibilidade de ascender social e economicamente por meios legais parecem sugerir que o estranhamento e a impossibilidade de conceber os meios existenciais da sua paciente por parte da aluna antes mencionada, ainda que pela idade e pela convivência urbana tendessem a ter pontos de identificação, seja a confissão realista do agigantamento de uma cisão entre uma Casa Grande, de poucos, e uma senzala, para muitos. Com a agravante de inúmeros habitantes daquela em alguma medida, segundo o uso lingüístico consagrado da metáfora, terem um ou muitos “pés na cozinha”.

Cumprir averiguar até que ponto o “descongelamento” de um patrimônio simbólico depreciado e que se confia a ouvidos moucos poderia inserir uma maior mobilidade de bens, simbólicos e econômicos, levando a clínica efetivamente exercida a auxiliar o país a evoluir do berço esplêndido para um esplendor em que a sua riqueza pudesse ser fruída pelos rebentos da sua gente, à sua modesta maneira contribuindo para dissolver o tão propalado contraste entre uma terra rica e um povo pobre.

As conseqüências da repressão de uma herança simbólica, porém, não se encontram apenas na ilusória ilogicidade das falas ou na falta de sentido aparente das narrativas populares. Embora se tenha tornado um lugar comum dizer que a miséria dos brasileiros pobres leva-os a terem apenas a posse do seu corpo, pesquisadores psicanaliticamente orientados sabem que a posse do corpo é incompatível com uma desapropriação simbólica. Para ser capaz de usufruí-lo, o sujeito tem de “estar de bem” com a sua verdade, tem de “estar ligado” na lei que é o “seu” desejo. Portanto, não é por acaso que uma administração do corpo diferente da européia aconteça junto aos meios populares nos quais mais resistem as fimbrias da cultura brasileira em que melhor respiram elementos não brancos (por exemplo, em festas populares como o carnaval). Também nas lendas e no folclore encontram-se, freqüentemente “condensados” com elementos da cultura oficial ou marginal ibérica, vestígios fônicos, rítmicos e pictóricos reelaborados à revelia de critérios validáveis racionalmente.



Cumpra pois contar com a hipótese de estar operando nas produções culturais populares a sintaxe simbólica esboçada por Freud para dar conta da vida psíquica e das formações do inconsciente, sintaxe que além do mais ele expressamente afirma como assinalável nelas (vide *Décima Conferência Introdutória à Psicanálise*). Produções aliás que em larga medida recobrem o campo do que Winnicott (1990) denomina de fenômenos transicionais.

Se com Lacan o inconsciente se descobre pouco menos e muito mais do que uma instância psíquica, como Outro articulando-se em significantes que se inscrevem em corpo, poder-se-ia operacionalizar tão fundamental tese psicanalítica providenciando-se a sua aplicação à análise das narrativas e coreografias sistemática e insistentemente ensaiadas e recriadas popularmente, de maneira tal que se pudesse contar com mais um meio de auscultar como este ou aquele outro enunciante comemora e reelabora em discurso próprio os dons do Outro que recebe na forma de repertório musical e dramático, de lendas e de hábitos, que se transmitem e se guardam de geração em geração?

Tal empreendimento, ainda que árduo, é importante por vários motivos.

O mais simples deriva do clichê segundo o qual o povo brasileiro é “muito musical”, “alegre”, faz “festa por tudo e por nada”. Ou seja, estas formas de expressão, em que a enunciação se suporta da totalidade da corporeidade, são talvez quantitativamente mais significativas neste país do que em outros e também por isso exigem maior atenção.

O segundo motivo é uma continuação do anterior, na forma de uma hipótese explicativa do que se constata estereotipicamente. Porventura o predomínio acentuado dos traços apontados não se justificaria por tais “comportamentos folclóricos” cifrarem enunciados cuja enunciação para cada um e para todos é interdita? Logo, o auscultamento do que por esse meio o Outro dita assume tremenda importância do ponto de vista da clínica e da profilaxia psicológicas.

Como terceira razão cumpre recordar que os “mecanismos” que conduzem a elaboração onírica são os mesmos que presidem à interpretação dos sonhos. E, se se encontram assemelhadamente por todo o campo das formações do inconsciente, não é de estranhar que o manuseio popular desse imaginário coletivo se suponha eficaz do ponto de vista de uma eficácia terapêutica. Cumpre lembrar que uma parcela significativa dessa cultura subalterna se propõe a operar efeitos de cura.

As relações historicamente complexas entre uma colônia carente de serviços de saúde e os supridores oficiosos do serviço — que aliás, não obstante a perseguição dos saberes oficiais ao “charlatanismo” e daqueles entre si (médicos contra psicólogos, por exemplo) continuam tendo um largo mercado — já foram bem descritas pela antropologia. O que não se explica é a razão do pouco caso para com esses procedimentos por parte da psicologia e da psicanálise.

Dado que o contumaz desconhecimento dessas práticas não pode ser explicado pela sua irrelevância social nem pelo seu desinteresse científico — quando se lhes prestou atenção, em geral, foi para colaborar com a sua perseguição —, é plausível cogitar que se trata mais de um desconhecimento, no sentido técnico do termo, da realidade cultural e subjetiva do meio humano em que vive a “sociedade” brasileira. Porém, tal situação é insustentável. Por diversas razões o seu preço é muito alto.

Em primeiro lugar, é necessário saber como preparar o analista, que cada vez mais encontra mercado de trabalho em instituições que atendem o Brasil dos “grotões”, a saber lidar com as questões que lhe sejam trazidas pelos seus consulentes e mesmo com encaminhamentos e interferências no tratamento por parte de “profissionais” oficiosos da saúde. Quer se o queira ou não, a cultura popular tem uma leitura do saber oficial e interage com ele. É nossa obrigação aprender a comunicar-nos com ela, pois os pacientes naturalmente sofrem a sua influência e portanto há que aceitar o desafio de lhe prestar ouvidos.

Em segundo lugar, não se pode pura e simplesmente largar à própria sorte os consulentes desses “serviços”, sem minimamente averiguar se e em que medida são contraproducentes ou inócuos, ou se acarretam benefícios e de que espécie. Qualquer outra atitude, longe de científica, implicaria ou numa reiteração de preconceitos cientificistas incompatíveis com a cientificidade, ou em sumário descaso (ou, ainda pior, numa adesão acrítica e irresponsável).

É possível mudar a situação, de dentro da psicanálise respondendo ao desafio da antropologia estrutural, que por meio da noção de “eficácia simbólica” a coloca no mesmo saco em que põe o xamanismo, evidenciando o quanto a primeira tem condições de revelar e descrever aprofundadamente os mecanismos pelos quais ela mesma e a sua “pseudo-congênera” funcionam, com isso trazendo à luz a eventual periculosidade (do ponto de vista psíquico) das terapias populares, os seus eventuais benefícios (a integração numa vivência comunitária portadora de um sentido coletivo que contrarie o isolamento psíquico, por exemplo), ou simplesmente constatando a sua inutilidade. E para isso é necessário exigir ao máximo o potencial da psicanálise para fornecer modelos explicativos do funcionamento e da realidade do imaginário.

É bem verdade que de outros horizontes se podem receber subsídios importantes para tal meta, e sabidamente Lacan não ignora, porque os menciona, trabalhos tão importantes nessa direção como os de Henry Corbin sobre o estatuto da imagem (Corbin, 1977) e as contribuições filosóficas do segundo Heidegger (Heidegger, 1980). Parte do que destes se pode receber provavelmente já está assimilado na sua teoria do objeto “a”, um “entre sujeito e objeto” em que se consubstancia a falta de substância da fantasia, reportado ao corpo (à pulsão) e ao desejo (ao sujeito).

Aqui também conviria seguir o seu exemplo, estudando as análises winnicottianas dos fenômenos transicionais. A idéia é chegar a poder interpretar

os procedimentos de cura populares, do ponto de vista psicológico, como operantes numa, por assim dizer, "realidade transicional", em que se intervém sobre e se testemunham elementos estruturais pertinentes ao sujeito tratado e ao "seu" Outro. Dessa maneira poder-se-ia oferecer uma descrição psicanalítica desses procedimentos, além de contribuir para a circunscrição tanto dos seus presumíveis méritos quanto da sua periculosidade, também procedendo à sua crítica sem que esta se banalize em mais uma forma de coação cultural.

A hipótese que nos norteia nesse empreendimento é a de que a psicanálise opera em direção contrária a essas práticas. A psicanálise invoca as "potências subterrâneas" do inconsciente, mobilizando o Outro, para no final evidenciá-lo efeito de sentido, insubstantivo. Desrealiza as coisas em fantasia e revela a fantasia em construção do sujeito: algo que o constrói mas que, por uma reviravolta ética, também é uma construção sua. Em vez disso, as (mal) chamadas terapias populares — benzimentos, garrafadas, descarregos, macumbas, etc. —, do ponto de vista psíquico, parecem operar inflando o imaginário, substancializando cada vez mais uma ordem de fantasias que, embora possa reorientar o sentido de sintomas, sobrecarrega de ser o universo do sujeito, deixando-o cada vez mais subjugado a um Outro de que "eu", por não se saber seu inconsciente enunciante, não se reconhece co-feitor.

Tal procedimento, ainda que não se conteste a sua eficácia — pelo contrário, explica-se-a —, tecnicamente é alienante. Mas por ele os seus agentes não merecem ser isoladamente recriminados, já que tal recurso o têm em comum com as psicoterapias em que o profissional se coloca na posição de verdadeiro conhecedor dos conteúdos da (imaginária) "realidade psíquica"...

Se por este aspecto tantos psicólogos acabam procedendo ao modo das terapias populares, por este prisma não há razão para as estigmatizar — embora mais e menos do que esculpir o imaginário (tarefa preliminar), clinicamente importe resgatar a sutil plasticidade da sua "irreal natureza", desvelando-o dócil ao sujeito (criativo).

Para o psicanalista, então, as terapias populares são uma oportunidade de estender o debate que trava com a psicologia a uma esfera de alcance social e teórico muito mais ampla: um convite à extensão e expansão (em todos os sentidos) da sua prática...

Em suma, a formação teórica e a clínica em psicanálise, no contexto social brasileiro, poderiam usufruir múltiplos e diversos benefícios se se dignassem a dar ouvidos aos vários modos em que a "voz do povo" se faz soar.

*ABSTRACT: This article is an invitation to encourage the research in the field of psychoanalysis that favors a more profound understanding of what could be called the "Brazilian imaginary" and a non-arrogant attitude towards popular culture. We consider*

*that one's personal and social histories are two aspects of the same reality, and the thesis of the presence of excluding inclusion's processes (called here "mother-in-law adoption") in the constitution of the national and personal identities. The barbarian (or foreign) would be very familiar, but the consequences would imply resentment and self-depreciation. Unfortunately psychoanalysts in their training and practice have been alienated from this kind of reality. On one hand, this is a sign that the discomfort with the identity is not only a social problem (or a problem concerning patients); on the other hand, it is entirely unacceptable, given the social responsibility expected from Psychoanalysis when it comes to its role of fighting against social injustices, such as racism. Concepts such as those of significance and "transitionality" allow for the investigation of both the social and the clinic aspects that relate to the human subject. This approach is certainly in great need in Brazil. If well applied, they can become a powerful tool for both the understanding and the transformation of life circumstances (mental and economic) for a large range of the population, by sorting out and rescuing parts of the general and personal history of the Brazilian peoples, fighting against poverty (on both symbolic and material levels) and fostering well being.*

#### BIBLIOGRAFIA

- BAIRRÃO, José F. Miguel H.. "O impossível sujeito: implicações do tratamento do inconsciente por Lacan". Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do IFCH, UNICAMP. 1996.
- BRUMANA, Fernando G. e MARTINEZ, Elda G.. *Marginália Sagrada*. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.
- CORBIN, Henry. *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn'Arabi*. Paris, Flammarion, 1977.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. *A religião popular portuguesa*. 2a. ed., Lisboa, Assírio e Alvim, 1990.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 24 vols., Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974.

HEIDEGGER, Martin. "A Coisa", In: SOUZA, Eudoro de. *Mitologia*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1980.

LACAN, J.. Lettre à Winnicott, In *Ornicar ?* 33. Paris, Navarin, 1985.

\_\_\_\_\_ *Le transfert*. Paris, Éditions du Seuil, 1991.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

WINNICOTT, D. W.. *Natureza humana*. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

e-mail: [jfbairrao@ffclrp.usp.br](mailto:jfbairrao@ffclrp.usp.br)

# UMA VIAGEM PELA METAPSIKOLOGIA FREUDIANA<sup>1</sup>

Ede de Oliveira Silva

Psicanalista  
Professor do Departamento "Formação em  
Psicanálise", do Instituto "Sedes Sapientiae".

**RESUMO:** *O autor faz um percurso pela metapsicologia freudiana colocando em confronto as duas tópicas, pondo em destaque as diferenças cruciais entre as duas. Estas diferenças determinam uma visão completamente oposta do processo analítico e de seus objetivos.*

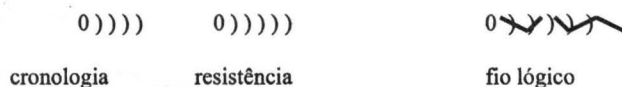
A palavra metapsicologia foi cunhada por Freud para designar uma nova psicologia que privilegiava os processos psíquicos que se davam fora do âmbito da consciência. Esta nova psicologia teria como objetivo o estudo do funcionamento do aparelho psíquico na sua forma mais abrangente e principalmente, na sua esfera inconsciente, formando com isto o esqueleto teórico da futura psicanálise. Neste momento Freud estava propondo o abandono do pensamento cartesiano, introduzindo um descentramento da consciência para os fenômenos que ocorriam fora desta e que eram mais importantes.

Durante quase 45 anos (de 1895 até 1939), Freud construiu diversos modelos do funcionamento psíquico e, se prestarmos bem atenção, verificaremos que ele nunca abandonou completamente os primeiros, pelo contrário, ia tornando mais complexo o anterior para poder dar forma ao modelo seguinte. Isto, portanto, era o reflexo da complexidade dos mecanismos que regem o funcionamento do aparelho psíquico. É nosso objetivo nesta reflexão fazer um percurso pela metapsicologia freudiana, agregando conhecimentos mais recentes de outros autores e a nossa própria opinião. Para isto dividiremos didaticamente a metapsicologia freudiana em 3 etapas para melhor entender o movimento do pensamento freudiano e suas transformações:

1) A primeira etapa abrange o período que vai de 1895 a 1900 e que corresponde ao momento em que Freud estava trabalhando toda teoria traumática da sedução. A sua prática tinha como objetivo resgatar esses traumas que ficavam encistados no âmago da mente, funcionando como corpo estranho. Trazer à consciência estes traumas para que eles fossem incorporados ao comércio associativo do paciente era o verdadeiro trabalho do analista. O modelo do aparelho psíquico, neste momento, estava baseado na histeria e poderíamos chamá-lo de modelo psiconeurótico. O aparelho psíquico se defendia tenaz-

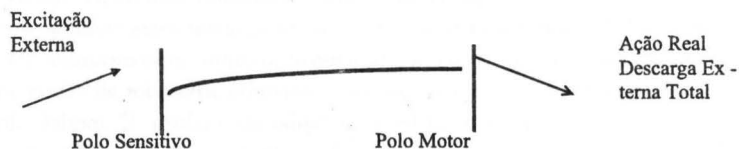
<sup>1</sup> Exposição Realizada nos Encontros Preparatórios para o Evento "Encontros Psicanalíticos", ministrado pelo Prof. Luiz Meyer (Abril, 1997).

mente contra a conscientização desses núcleos, formando camadas - barreiras ao redor destes corpos estranhos para se defender da dor psíquica que seria mobilizada pela sua rememoração (Freud, 1895).



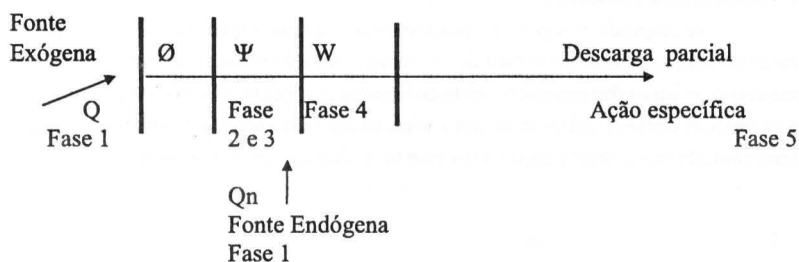
As camadas ao redor deste núcleo traumático eram dispostas cronologicamente, de modo que os acontecimentos mais antigos estariam mais próximos do centro e os mais recentes numa posição mais periférica, ou por camadas que expressavam graus de resistência para se chegar ao núcleo, de maneira que as camadas mais profundas e mais próximas do conflito apresentavam grau maior de resistência do que as camadas mais superficiais. No trabalho analítico o paciente procurava se manter mais na superfície, enquanto que o analista procurava aprofundar-se nas camadas em direção ao núcleo. Um avanço tanto na prática como na compreensão deste modelo ocorreu quando Freud verificou que todas as associações do paciente, mesmo as mais superficiais, estavam ligadas às camadas mais profundas e daí ao núcleo patógeno através de um fio lógico, e que caberia à habilidade do analista, descobrir este fio para atingir o trauma.

O inconsciente, neste momento do desenvolvimento da teoria freudiana era formado por núcleos traumáticos e o objetivo específico do processo terapêutico era resgatar estas reminiscências e trazê-las à consciência. Estes núcleos funcionavam como uma verdadeira força estranha que determinavam comportamentos muitas vezes bizarros e produziam efeitos sintomáticos. Esta força produtora de comportamento e sintomas vai aparecer no modelo seguinte como uma quantidade que circulava no sistema nervoso central através dos neurônios e entre eles. Era uma verdadeira economia cerebral onde Freud utilizava uma linguagem e um modelo ainda biológicos para poder explicar os fenômenos psíquicos que ele estava encontrando nos seus pacientes histéricos. Sob a influência da medicina e principalmente da neurologia, sua especialidade, Freud utilizava os seus conhecimentos, para explicar de uma maneira genérica o funcionamento do cérebro de uma pessoa normal. Usava a unidade anatômica cerebral, os neurônios e seus processos dendríticos e axônicos e formulava a hipótese de uma quantidade circulando neles e nas comunicações entre eles. Utilizava o modelo do arco reflexo, onde o estímulo que entrava não tinha dificuldade de ser escoado totalmente (Freud, 1895).



Este modelo reflexo, onde reinava a inércia de repouso seria incompatível com a condição de vida biológica e do aparelho cerebral. O modelo de um

aparelho que funcionasse como um neurônio com a sua inércia de repouso seria incompatível face às exigências do processo vital. Este aparelho teve de criar um sistema de poupança energética para tentar viabilizar uma ação específica adequada e com isso manter-se vivo por mais tempo. A evitação de uma descarga total, mantendo assim mais energia potencial e a utilização desta energia para a consecução da satisfação, são as bases para a manutenção da vida biológica e psíquica. Para esta tarefa os neurônios têm de se transformar, se modificar, tornando complexa as suas funções. Uma quantidade portanto, circulava por neurônios diferentes, com funções diferentes. A presença destes neurônios ( $\emptyset$ ,  $\Psi$  e  $W$ ) modificava o modelo do arco reflexo para um outro mais avançado e mais adaptado às condições vitais, pois este aparelho constituído por estes neurônios já podia armazenar energia e assim conviver com um nível diferente de zero. Por conta desta complexidade a energia agora pode vir de dois lugares.

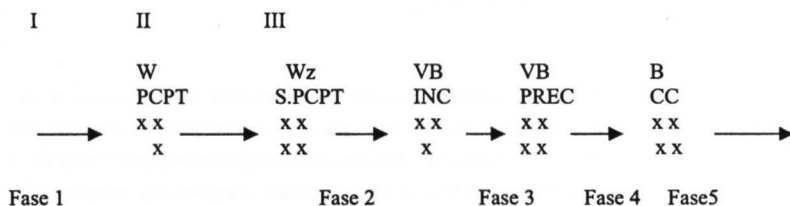


Um de uma fonte exógena, onde os estímulos são veiculados por grandes quantidades de energia ( $Q$ ) que são reduzidas quando entram em contacto com as terminações nervosas dos neurônios sensitivos (neurônios  $\emptyset$ ) e pelas barreiras de contacto de modo que a energia que chegava aos neurônios  $\Psi$  (neurônios impermeáveis) eram de pequena monta. O processo evolutivo teve tempo para construir estes mecanismos defensivos contra o impacto das energias que circulam no mundo externo. Uma outra fonte muito mais nova, foi gerada por conta da complexidade do organismo biológico e lidava assim com quantidades pequenas de energia ( $Q_n$ ) e que tinha comunicação direta com os neurônios  $\Psi$ . É originária do interior do corpo e visava também a uma descarga. Enquanto a energia originária das fontes exógenas funcionava como uma força de impacto, um estímulo, e o organismo teria condições de lidar com ela fugindo ou combatendo-a, a outra energia originária de uma fonte endógena teria o carácter de uma força constante e está em contacto direto com os neurônios  $\Psi$ . Contra esta quantidade o organismo não teria condições de fugir, precisaria criar mecanismos para poder processá-la. Vemos, portanto, neste modelo que uma energia proveniente de fora circula por este aparelho até ser descarregada parcialmente. Se pretendêssemos dividir didaticamente este percurso energético, poderíamos dizer que a fase 1 corresponderia ao momento em que as quantidades ainda estão fora do aparelho neurológico, isto é, ainda não alcançaram os neurônios



impermeáveis. As fases 2, 3 e 4 correspondem aos caminhos percorridos dentro do sistema, e a fase 5 corresponderia a descarga parcial após o processamento da energia circulante. Esta divisão vai ser de grande importância porque será usada nos modelos posteriores utilizados por Freud e também para entender o nosso raciocínio. Se refletirmos sobre o funcionamento deste modelo tiraremos algumas deduções interessantes que são coerentes com a construção teórica deste momento. Nos parece que o funcionamento deste aparelho é tão perfeito que cada montante de energia que lhe chega é imediatamente processado num automatismo, como se para cada energia que surgisse houvesse um neurônio disponível para processá-la. Não existindo, portanto, uma defasagem entre a irrupção de energia e o seu processamento. A compreensão deste modo de funcionamento que abrange toda a primeira e segunda etapas é importante para poder entender as modificações que vão surgir na terceira e última etapa da metapsicologia Freudiana.

Avançando um pouco mais nas suas pesquisas e abandonando parcialmente a linguagem neurológica do "Projeto", Freud introduz um modelo intermediário de aparelho psíquico, onde os lugares começam a ficar mais delineados e as funções destes lugares mais definidas. O aparelho psíquico visto na carta 52 tem característica mais psíquica do que neurológica (Freud, 1896).



WAHRNEMUNG-PCPT- impressão do mundo exterior

WAHRNEMUNGZEICHEN-SIGNO DE PCPT - é o primeiro registro mnêmico, inacessível a cc

UNBEWUSSTSEIN- inconsciência - é o segundo registro mnêmico inacessível a cc

VORBEWUSSTSEIN- pré-consciência - é o terceiro registro mnêmico ligado à representação da palavra acessível a cc

BEWUSSTSEIN - consciência

A quantidade proveniente do exterior que pode ser externo ou interno penetrava neste aparelho e circulava através dos registros mnêmicos até alcançar a consciência. A passagem de um registro para o seguinte se fazia através de uma tradução do material psíquico e o recalçamento seria uma recusa de tradução do material mnêmico que iria gerar desprazer. O aparelho psíquico propriamente dito

corresponderia ao primeiro, segundo e terceiro registros mnêmicos, no entender de Freud, ou a segunda, terceira e quarta fases da nossa reflexão.

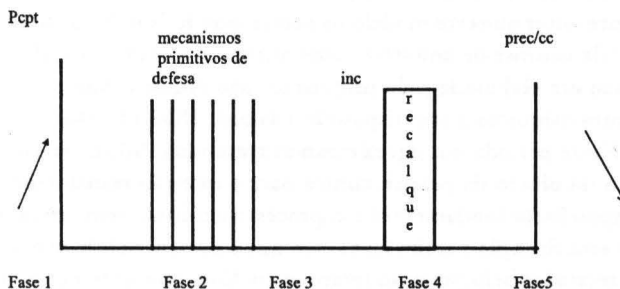
Com o fim desta primeira etapa metapsicológica se encerrava o período neurológico de Freud. O salto para a etapa seguinte já estava em andamento com o estudo sistemático dos sonhos, com o "abandono" da teoria traumática da sedução, com a conceitualização da fantasia e com os conceitos ainda embrionários do Édipo e da pulsão.

II) A segunda etapa se inicia com a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, trabalho maior de Freud e que dividiu o mundo psicanalítico em dois momentos. O antes e o depois da "Interpretação". Definitivamente foram lançadas as bases da teoria psicanalítica e a partir daí os segredos tão bem guardados no recôndito do ser podiam ser desvendados e trazidos à superfície. A alma poderia ser virada pelo avesso sem precisarmos para isso de violência. Este foi o grande salto que se deu para o psíquico com a conceitualização dos lugares e suas funções características. O aparelho cerebral foi transformado em aparelho psíquico, a economia cerebral em economia psíquica e a população neuronal que habitava este espaço transformou-se em mundo representacional. Os conceitos adjetivados de consciência, pré-consciência e inconsciência foram substantivados e ganharam características próprias; o modelo patológico de funcionamento do psiquismo cedeu lugar a um modelo mais genérico, mais abrangente, onde o normal e o patológico habitam o mesmo espaço se diferenciando simplesmente pelos graus de uso de um determinado mecanismo de defesa.

Esta etapa, que abrange de 1900 até 1915, foi de importância fundamental porque cristalizou um corpo teórico e prático da psicanálise que a diferenciou dos outros métodos terapêuticos para as doenças mentais.

Ao analisarmos com detalhes o capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, verificaremos que o que foi dito no capítulo IV dos *Estudos sobre a Histeria*, no *Projeto para uma Psicologia* e na "Carta 52" estão todos ali incluídos com modificações e acréscimos. Uma linguagem psicológica foi privilegiada, afastando-se portanto, de um corpo biológico predominante na etapa anterior (Freud, 1900).

Os pictogramas encontrados na parte B do capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900), se revestem de grande importância para o propósito de nossa reflexão, principalmente o terceiro da série que vamos reproduzi-lo abaixo:



Seguindo a mesma linha de raciocínio anterior podemos ver que as fases 1 e 5 continuam externas ao aparelho psíquico propriamente dito que corresponde às fases 2, 3 e 4. Em toda a segunda etapa do desenvolvimento teórico, Freud se dedica a estudar estas fases citadas acima das quais ele fez uma verdadeira microdissecção. A fase 2 corresponderia aos primeiros representantes psíquicos ainda com uma organização bastante caótica onde mecanismos primitivos de defesa imperam. A energia já estaria ligada ao seu representante psíquico ideacional. Haveria aí uma certa liberdade vigiada, porém ainda anárquica. Corresponderia (ao nosso ver) ao inconsciente mais primitivo. A fase 3 corresponderia a uma fase mais organizada que a anterior, onde o mecanismo de defesa privilegiado seria o recalque primeiro e o recalque posterior. As fronteiras do inconsciente já estariam mais definidas. A energia nesta fase como na anterior estaria ligada aos seus representantes psíquicos, porém de uma maneira menos anárquica. Ela circularia nos seus representantes ideativos utilizando de mecanismos inerentes a este sistema. A fase 3 corresponderia ao inconsciente recalcado (Freud, 1915). Estas duas fases estariam regidas pelo princípio do prazer. Na fase seguinte, o representante psíquico estaria mais fixo com a representação de palavra (Freud, 1915) e poderia ganhar a consciência desde que preenchesse determinadas condições. Esta fase estaria preenchida pelas formações do inconsciente recalcado disfarçadas e por lembranças de fácil acesso à consciência.

Dentro do aparelho psíquico propriamente dito a mobilidade energética seria relativa, uma vez que esta já estaria ligada ao seu representante psíquico, e a redução desta mobilidade dependeria do grau de organização da fase correspondente. A fase 4 estaria sob o império do princípio do prazer modificado, o princípio de realidade. Em toda esta segunda etapa, Freud estuda o aparelho psíquico representacional, isto é, seu estudo se dirige para o representado, para o simbolizado. Tudo já estaria inscrito psiquicamente. Estaríamos lidando com o representado que equivale ao passado do paciente. Aqui, o determinismo psíquico é a regra. Neste momento o sujeito psíquico já estaria determinado como na primeira etapa. É como se a cada quantidade energética que aportasse ao aparelho já existisse o seu representante correspondente. O sujeito de certa forma estaria amparado por esse automatismo. A capacidade de ligação seria automática. É interessante notar que este modelo não corresponde àquele usado por Freud ao tratar da neurose de angústia, onde afirmava que esta surgia quando a energia não era elaborada pelo psiquismo, não encontrando portanto representantes psíquicos à sua disposição (Freud, 1895 [1894]).

Neste período que agora estamos tratando (1905), vemos um deslocamento do objeto da prática clínica para a questão transferencial. Esta ganha importância fundamental e o processo analítico tem como objetivo trabalhar esta situação e assim fazer com que o paciente elabore os conflitos criados e recriados pelo processo terapêutico. Concomitantemente com este

desenvolvimento vemos Freud conceitualizar a sexualidade humana tendo na pulsão o seu móvel (Freud, 1905). Neste momento, a pulsão propriamente dita e seus representantes psíquicos pulsionais se confundiam, de modo que, o trabalhado seria o representante pulsional, isto é, a pulsão já representada, já simbolizada. Os mecanismos defensivos atuavam sobre estes representantes que poderiam ou não chegar à consciência. A pulsão em si não teria acesso à consciência. A dualidade energética e pulsional foi mantida através do conceito de energia livre e ligada (quiescente) e pulsão de ego e pulsão sexual (Freud, 1910).

Os pontos de vista metapsicológico tópico e dinâmico, tão explorados nestas duas etapas anteriores começam a ceder em importância para o vértice econômico. Se o objeto da teoria psicanalítica estava exclusivamente voltado para o inconsciente representacional, agora inicia lentamente um novo descentramento para o lado quantitativo (Birman, 1993). A qualidade é característica do representado, (a idéia e seu afeto) que por outro lado é fornecida pelo objeto.

Mesmo que Freud tenha aprendido com o caso Dora (Freud, 1905), onde fez um trabalho esplêndido de dar sentido as reminiscências perdidas, mesmo que tenha constatado que não trabalhou a transferência, isto é, o deslocamento do passado sobre o presente, mesmo que tenha afirmado que o processo analítico tenha, a partir de agora, que trabalhar este fenômeno como condição "sine qua non", o modelo analítico continuava sendo arqueológico. A transferência é o passado deslocado para a situação presente, e cabe portanto, ao analista, desvelá-lo. É um passado atualizado, vestido com roupas atuais. Ainda é uma história antiga que usa a linguagem atual para se expressar. A representação no seu aspecto tópico e dinâmico ainda prevalece sobre o aspecto econômico.

Com a publicação dos *Três Ensaios*, (1905), Freud rompe com uma tradição milenar da sexualidade humana, mas do ponto de vista metapsicológico não o vemos dar um passo a frente. A pulsão neste momento é vista sob o ângulo representacional. São os representantes pulsionais que são trabalhados, deixando de lado o estudo da pulsão propriamente dita. Somente dez anos mais tarde é que vamos ter o verdadeiro conceito de pulsão como uma força constante, atual, que demanda do aparelho um trabalho de simbolização (Freud, 1915). O automatismo representacional desaparece, dando lugar a um tempo e um espaço que se interpõe entre esta demanda e a sua representação psíquica. A ligação não é instantânea e automática. Esta força bruta é o atual, o recente e os seus representantes correspondem ao passado, ao representado.

O aprofundamento na compreensão do fenômeno da transferência, a conceitualização do narcisismo (Freud 1914), a constatação de que só os representantes pulsionais são passíveis de consciência (Freud, 1915), a definição do conceito de pulsão propriamente dito e a descoberta de que o

amor transferencial tem algo de real e atual (Freud, 1915[1914]) selaram o fim desta segunda etapa. A primeira tópica (como ficou chamado este período metapsicológico) começa a ceder lugar para uma outra tópica. Num olhar retrospectivo, podemos ver o que caracterizou este período para podermos passar à etapa seguinte:

A - O mundo psíquico é o representacional, e corresponde ao passado histórico inscrito no aparelho;

B - O determinismo psíquico é a regra;

C - Reina o princípio do prazer e seu derivado, o princípio de realidade;

D - Os pontos de vista tópico e dinâmico são os privilegiados;

E - O centro da pesquisa são as pulsões já capturadas pelo aparelho psíquico, pois ainda não são pensadas como tais, independentes das suas representações;

F - Nada é arbitrário, tudo já estaria determinado.

G - O analista ainda é o arqueólogo da mente, reabre caminhos, recupera imagens e lembranças.

H - A análise tem fim.

Durante cinco anos as novas descobertas acima citadas ficaram em estado de fermentação, serviram de adubo e deram como fruto, como resultado a famosa reviravolta de 1920 (Freud, 1920). Porém estes ventos de mudança não se deram de uma hora para outra. O movimento do pensamento freudiano não foi interrompido em nenhum momento (Monzani, 1989), sofria acréscimo das descobertas veiculadas pelo seu trabalho clínico. A soma destas descobertas foi o que provocou uma verdadeira revolução em toda teoria e prática psicanalíticas desenvolvidas até o momento. O ponto de apoio do determinismo e do passado foi retirado e deu lugar à incerteza. Deixou-nos desgarrados, em queda livre. Um clamor contrário a tudo isto foi ouvido naquele momento vindo dos seus discípulos, mas a nova "peste" já tinha sido lançada. Esta foi a maior herança que Freud nos legou; a incerteza, o vazio, o indeterminismo (Birman, 1996) e a angústia do sem fim. Por conta disto muitos ficaram pelo caminho optando pela segurança da primeira tópica e da primeira teoria pulsional. Não quiseram se transformar em aventureiros de novos mundos como era a proposta de Freud para essa nova etapa.

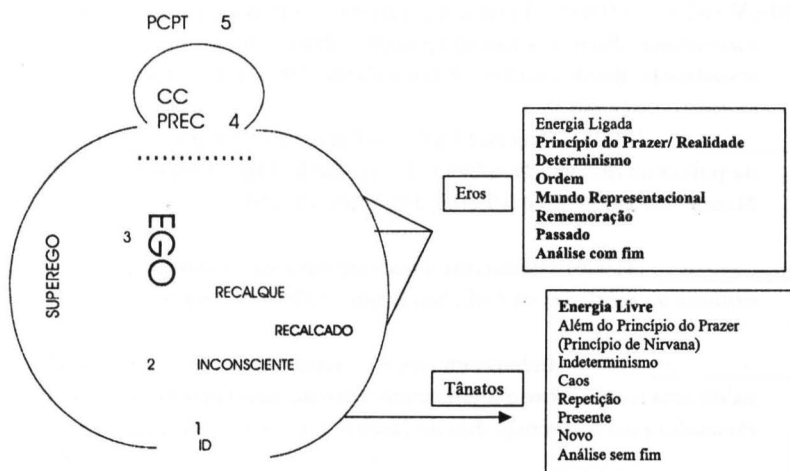
3) A terceira e última etapa do desenvolvimento da metapsicologia  $\Psi$ , ao nosso ver, veio recheada com uma série de transformações às quais o próprio Freud reagiu inicialmente muito timidamente. A conceitualização de uma "nova" teoria pulsional, um novo modelo de aparelho psíquico (Freud, 1923), uma mudança substancial no enfoque teórico-clínico e um não saber o que fazer com a antiga dualidade pulsional e modelo de mente anterior, fizeram Freud conceitualizar um novo dualismo pulsional, (ao nosso ver forçado) para não cair num monismo semelhante ao de Jung.

O conceito de pulsão de morte, tão controverso e especulativo, como uma força silenciosa que subjaz, que é a raiz e a base dos processos

psíquicos representacionais deu alento a um conhecimento mais profundo dos processos mentais (Freud, 1920). Para uma nova teoria pulsional, uma nova tópica teria de ser criada, mais ampla, mais abrangente que suportasse estes acréscimos.

A pulsão de morte, essa força viva, emergente e atual, ainda não representada, não simbolizada, seria a verdadeira pulsão. Uma energia ainda livre de qualquer representante (Birman, 1995), (seria a fase 1 de nossa reflexão), representaria o atual, o novo, o ainda indizível e irrepresentável. O trabalho maior do aparelho psíquico seria o de ligar (Freud, 1920) esta força selvagem, indomada e transformá-la em uma já ligada aos seus representantes psíquicos, agora sob o império do princípio do prazer, com as leis correspondentes. A instalação dessa ordem (Garcia-Roza, 1990) ainda inicialmente anárquica inaugura o domínio de Eros. O aparelho psíquico (abrangendo o representado e o não representado) estaria regido por dois princípios: 1º o princípio do além do princípio do prazer (Princípio de Nirvana) onde reina o caos, o gozo, a desordem, o novo, a liberdade total, um verdadeiro caldo pulsional sob a regência da pulsão de morte e 2º o princípio do prazer, lugar da ordem e do prazer, do passado e da energia ligada, sob a regência da pulsão de vida.

O foco do estudo metapsicológico nesta etapa foi deslocado para o ponto de vista econômico e o seu objeto que era o inconsciente ficou levemente deslocado para o além (aquém) do inconsciente, o ID. Isso não foi admitido totalmente por Freud pois se assim o fosse estaria relegando em importância a sua maior descoberta, o inconsciente e sua rede representacional.



O último pictograma sobre o modelo psíquico de Freud é o espelho desta ampliação onde a primeira tópica foi englobada pela segunda (Freud, 1933) e a fase 1 da nossa reflexão foi incorporada e transformada no ID.

As aberturas criadas pelos os novos conceitos são infinitas. Há um verdadeiro culto das incertezas, colocando o analista naquele lugar limitado diferente daquele no qual o analista como Deus era o responsável pela felicidade do paciente.

Neste modelo o analista, além de re-abrir caminhos pulsionais fechados por acidentes históricos individuais, abre também novos caminhos ampliando assim o circuito pulsional-representacional do paciente.

**ABSTRACT:** *The author a way through Freudian metapsychology putting in confrontation the two theories of the psychic, distinguishing the differences between them. These differences induce to a completely different view of the analytic process and its objectives.*

**PALAVRA-CHAVE:** *Elaboração Psíquica, Falsa ligação, Pulsão de morte, Reminiscência, Representação Psíquica, rede Simbólica, Símbolos, Transferência.*

#### BIBLIOGRAFIA

BIRMAN, J. (1993). "Entre o Inconsciente e a Pulsão" In - *Ensaios de Teoria Psicanalítica Parte I – Metapsicologia Pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1993, pp. 135 a 144.

\_\_\_\_\_. (1995). "Sujeito e Estilo em Psicanálise - Sobre o indeterminismo da pulsão no discurso Freudiano" In *As Pulsões*. Org. Arthur Hyppólito de Moura. São Paulo, Escuta/Educ., 1995, pp. 25 a 51.

\_\_\_\_\_. (1996) "Psicanálise uma estilística da existência", In *Por uma estilística da existência*, 34<sup>a</sup> ed., São Paulo, 1996, pp. 23 a 52.

\_\_\_\_\_. (1996) "Indeterminismo e Incerteza do sujeito na ética da Psicanálise uma leitura sobre o fundamento ético do discurso freudiano", In *Ética Psicanalítica e sua transmissão*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1996, pp.34 a 65.

FREUD, S. (1895) "A Psicoterapia da Histeria", In. *Estudo sobre Histeria*.. Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, Vol. II, 1969, pp. 311 a 363.

\_\_\_\_\_. (1895) "Projeto para uma Psicologia Científica", In *Publicações Pré-psicanalíticas e esboços Inéditos*. Vol. I, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 381 a 506

\_\_\_\_\_. (1950[1896]) "Extratos dos Documentos Dirigidos a Fliess", In *Publicações Pré-Psicanalíticas e esboços Inéditos*. Vol. I, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 243 a 378.

\_\_\_\_\_. (1895[1894]) "*Obsessões e Fobias: Seu Mecanismo Psíquico e sua Etiologia*", In *Obras Completas*, Vol. III, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 89 a 100.

\_\_\_\_\_. (1900) "A Interpretação dos Sonhos", In *Obras Completas*, Vol. V, Cap. VII, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969.

\_\_\_\_\_. (1905) "Fragmento da Análise de um Caso de Histeria", In *Obras Completas*, Vol. VII, Cap. V, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, 109 a -119

\_\_\_\_\_. (1905) "Os Três ensaios sobre a sexualidade", In *Obras Completas*, Vol. VII, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 123 a 237.

\_\_\_\_\_. (1910) "A Concepção Psicanalítica da Perturbação Psicogênica da Visão", In *Obras Completas*, Vol. XI, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 193 a 204.

\_\_\_\_\_. (1915[1914]) "Observações sobre o Amor Transferencial (Novas Recomendações sobre Técnica da Psicanálise III)", In *Obras Completas*, Vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 207 a 221.

\_\_\_\_\_. (1915) "Repressão", In *Obras Completas*, Vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira 1969, pp. 165 a 184.)

\_\_\_\_\_. (1915) "Inconsciente", In *Obras Completas*, Vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp.185 a 233.

\_\_\_\_\_. (1915) "As Pulsões e seus Destinos", In *Obras Completas*, Vol. XVI, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 129 a 162.

\_\_\_\_\_. (1915) "Sobre o Narcisismo: Uma Introdução", In *Obras Completas*, Vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 85 a 122.



\_\_\_\_ (1920) "Além do Princípio do Prazer", In *Obras Completas*, Vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 13 a 88.

\_\_\_\_ (1923) "O Ego e Id", In *Obras Completas*, Vol. XIX, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira 1969, pp. 13 a 76.

\_\_\_\_ (1933) "A dissecação da Personalidade Psíquica", In. *Obras Completas*, Vol. XXXI, Rio de Janeiro, Imago, Edição Standard Brasileira, 1969, pp. 75 a 102.

GARCIA-ROZA, L.A (1990) "O Mal Radical em Freud". Rio de Janeiro, Zahar, Edição Standard Brasileira, 1990, pp. 9 a 166.

MONZANI, Luis R. "Freud - O Movimento de Um Pensamento", São Paulo, Unicamp, 1989.

EDE DE OLIVEIRA SILVA  
TRAV. HUMBERTO I, 44 - VILA MARIANA  
TEL. 549.7214

# ESTRUTURA PERVERSA: A LEI DO DESEJO ONIPOTENTE

Francy Ribeiro Moreira

Psicanalista  
Membro do Departamento de Formação em  
Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

*RESUMO: Este trabalho proporciona um percurso teórico sobre a estrutura perversa e sua diferença em relação aos sintomas perversos da atualidade. O sujeito pulsional (perverso), com o seu desejo onipotente, terá como saída psíquica a “construção” de um aparelho psíquico que possibilite novas traduções do desamparo. Assim, de uma nova leitura da feminilidade e do masoquismo em psicanálise, podemos pensar na técnica psicanalítica como um caminho de “ligação” do excesso pulsional.*

Este trabalho inclui um percurso teórico sobre a estrutura perversa e algumas reflexões a respeito de sintomas perversos da atual sociedade e de jogos perversos praticados pelas pessoas no dia-a-dia. Terei a preocupação e o cuidado de descrever a perversão como uma estrutura, buscando mostrar, da melhor forma possível, o sujeito pulsional (perverso) sem os preconceitos surgidos desde o século XIX, com o direito canônico que relacionava diretamente perversão à maldade. E falar em sujeito pulsional é trabalhar com algo novo, com um excesso pulsional sem representação. Isso possibilita a “construção” de um aparelho psíquico no sentido de possibilitar novas ligações e traduções do desamparo. Porém, entender a perversão pelo ponto de vista pulsional não exclui a visão edípica, pois o conceito de estrutura implica a posição que o sujeito se encontra frente ao Édipo (freudiano ou lacaniano) e à castração. O pulsional complementa a leitura edípica. Talvez a diferença esteja na técnica psicanalítica, na ampliação de um campo analítico que vise construções e não somente traduções de sentido.

Para iniciar pretendo sucintamente recordar a teoria freudiana sobre o complexo de Édipo. Como referência teórica básica utilizarei autores como Freud, Jöel Dor, Hugo Bleichmar, Piera Aulagnier e Joel Birman com a sua teoria da feminilidade.

Somente com os textos de 1931 e 1933 toda a teoria do complexo de Édipo ficou melhor explicada. Tanto em meninos quanto em meninas a primeira escolha objetal é a mãe. Com o menino o amor pela mãe se prolonga e o pai será o grande rival no momento edípico. A ameaça de castração gera uma angústia que leva o menino a se identificar com o pai, abandonando o amor pela mãe e procurando uma mulher que não seja a mulher do pai. O complexo de Édipo se “dissolve” e surge o superego. O sujeito perverso não consegue fazer esse percurso, pois não suporta a angústia de castração. Já com as meninas as coisas parecem se complicar. O complexo de Édipo é secundário. Primeiro há uma forte ligação com a mãe, o que não se trata de uma fase homossexual. Com o Édipo o objeto e a zona erógena mudam na menina. Já nos meninos não há essa mudança. A menina só sairá dessa fase pré-edípica pela hostilidade em relação à mãe, que a fez castrada, e pela ferida narcísica originada com a constatação da diferença dos sexos. A mãe passa a ser uma rival, o pai será o novo objeto de amor e com isso podemos dizer que a menina “entra” no Édipo pela percepção da castração.

Com o que foi exposto podemos concluir que Édipo é estruturante. É a partir de determinada posição que o sujeito se encontra frente ao Édipo e à castração que podemos dizer que este sujeito é masculino ou feminino e que tipo de estrutura psicopatológica possui. Esse seria o percurso edípico clássico. Além do desenvolvimento do complexo de Édipo, Freud precisou de outros conceitos como a recusa da realidade e clivagem do eu para pensar a perversão enquanto estrutura.

O que seria a tão falada castração? A castração se dá com qualquer limite do narcisismo e o que impera atualmente na sociedade é o culto ao narcisismo. Têm-se canais de televisão, onde alguns apresentadores se parecem com perfeitos bonecos: lindos, corpos esculturais, cultos e politicamente corretos. A questão não é privar o sujeito de narcisismo; trata-se de transformar este excesso de narcisismo em algo mais simbólico e com mais limites pois só assim teremos pessoas desejantes, incompletas e que precisam de um sentido para viver. Um sintoma perverso da atualidade é a economia selvagem e toda a competição do mercado financeiro. O que vale é a idéia de completude, de ganhar a qualquer preço, de não poder perder e controlar tudo e todos. É como assistir a todos os canais da TV a cabo ao mesmo tempo ou conversar com o mundo pela Internet. De fato não se assiste a nada e não se conversa com ninguém, pois tudo ao mesmo tempo equivale ao vazio, a nada.

Continuando com a parte teórica, segundo Jöel Dor a estrutura perversa encontra sua origem em torno da angústia de castração e dos processos defensivos destinados a contorná-la. A este título, ele evidencia dois processos defensivos característicos do funcionamento perverso: a fixação (e a regressão) e a denegação da realidade.

Na dialética edípica, de acordo com uma leitura da escola francesa, o ponto que marca uma estrutura perversa está na identificação fálica maciça com

uma mãe, onde o pai aparece como um rival fálico. A criança descobre que não é o único objeto de desejo materno e que esta mãe não a satisfaz, ou seja, apresenta-se castrada. Daí a figura do pai surgindo em um registro de rivalidade, o que marca um dos traços perversos como o desafio. A transgressão se encontra como complemento desse desafio. Tudo se constrói para “fingir” não saber sobre a castração, mas se sabe e por isso o horror do perverso. Dor(1993), em “Estruturas e clínica psicanalítica”, assinala que: “Trata-se, no caso, muito evidentemente, deste movimento dinâmico que propulsiona a criança para o real da diferença dos sexos, subtendido pela falta de desejo, diferença que é promovida mais como algo de simbolizável do que sobre o mundo da lei do tudo ou nada.”(40pp) O difícil acesso à castração simbólica provoca uma pobreza psíquica do perverso, onde impera uma lei (cega) do desejo que substitui a lei simbólica internalizada. Uma lei própria, onipotente que não se liga ao desejo do outro, daí o desafio e a transgressão.

Jöel Dor explica que a recusa ou renegação vem acompanhada por “construções fantasmáticas” referidas à castração da mãe do perverso. Ou o pai impõe uma lei à mãe, ou essa mãe é fraca, castrada e se submete a esta lei. Isso ele não pode admitir pois precisa sustentar que é o único que faz com que a mãe “goze”. E obviamente, há uma cumplicidade da mãe e uma aceitação por parte do pai que determinam a construção do mundo psíquico do perverso. Quando essa mãe “seduz”, não significa que ela seja perversa, até porque a questão da perversão em mulheres é polêmica. O que acontece é que essa mãe se mantém muito fálica, idealizada e pouco castrada, como acontece com qualquer pessoa em determinados momentos. Talvez, por isso neuróticos sejam pares perfeitos para perversos.

Existe uma leitura bem interessante a respeito do parceiro e cúmplice do perverso feita por Jean Cravreul. Ele fala da importância do olhar (cego) do outro e o olhar da mãe do perverso, ambos olhares fascinados pelo “bebê perfeito”. É necessário que um outro entre no jogo para ficar preso e seduzido pela ilusão de completude. E nada melhor do que um neurótico, que já conhece a castração, desejar voltar a ser “sua majestade o bebê”. Isso me faz pensar nos eventos religiosos onde milhões de pessoas se reúnem à procura de paz e vida eterna. Basta ter fé e tudo se consegue na vida. Será? Isso se transforma em um sintoma perverso na medida em que se promete uma completude impossível de se conseguir. Tem-se com as ideologias uma sedução em excesso, promessas de prazer a qualquer preço, enfim, bilhões de pessoas no mundo que se deixam enredar pela sedução perversa. Há uma ilusão da não existência da castração quando alguém acha que só com fé conseguirá o que deseja ou, então, que jogando sempre na loteria tudo se resolverá.

Outro exemplo de um sintoma perverso na sociedade é o aumento brutal dos jogos de azar, “raspadinhas” e afins. Vende-se a grande sorte, a salvação de todos e cada vez mais há quem compre porque não querem saber de “faltas” na vida. É bom ter dinheiro, mas é necessário se pensar porque não se

consegue ganhá-lo, questionar a realidade sócio-econômica e não ficar esperando que algum dia o mesmo caia dos céus. Este tipo de questionamento é o que eu chamaria de castração simbólica, onde limites são reconhecidos e transformados em algo vivo e produtivo.

Continuando com uma leitura teórica mais francesa, Lacan amplia o conceito de complexo de Édipo, quando afirma que o menino é o falo da mãe, ou seja essa mãe se constitui em função de possuir aquele filho (díade mãe-filho). E qual a ligação com a perversão? Bem, a perversão implica uma identidade específica, uma determinada posição perante o desejo e a escolha de objeto, o que significa, então, uma marca pelo Édipo e sua posição frente à castração como foi dito anteriormente. E falar sobre Édipo é falar de estrutura. O complexo de Édipo em Lacan significa uma estrutura intersubjetiva. O que circula entre os sujeitos é o falo, determinando a posição ocupada pelo sujeito na sua história. O falo produz uma ilusão de que nada falta e esse tem sido um dos sintomas da sociedade. "Falo" enquanto objeto imaginário com o qual a criança se identifica para satisfazer o desejo da mãe: tudo o que completa a falta de perfeição.

Vejamos os três tempos do Édipo em Lacan:

1º tempo: o menino é o falo, a mãe tem o falo. O pai não aparece, a criança deseja ser tudo para a mãe. Essa mãe, nesse momento, sente que o filho a completa e tem a ilusão da perfeição. O bebê não sabe da castração simbólica da mãe que dita a lei do desejo do filho. Lei onipotente e narcísica. Preso nessa fase do desenvolvimento encontraremos a estrutura psicótica.

2º tempo: o menino deixa de ser o falo; a mãe deixa de ter o falo. O pai é o falo que priva a mãe do objeto fálico-bebê. A função paterna priva a criança do objeto de seu desejo, ou seja, deixa de ser o falo da mãe. Mãe que precisa deixar de ser fálica e trocar a criança pelo pai, o que representa uma mãe castrada. O pai é interditor, rival, terrível e ainda não foi simbolizado. Pai onipotente de *Totem e Tabu*. É nessa posição que se encontra o perverso, recusando qualquer possibilidade de castração da mãe.

3º tempo: o pai tem o falo, mas não é o falo. O falo passa a ser algo que poderá se ter, mas que não se é. Instaura-se uma lei simbólica onde os pais são castrados. Com a castração simbólica surge a possibilidade de uma identificação com o Ideal de Ego. E como o perverso não consegue simbolizar a castração penso que ele não possui um Ideal de Eu e um superego(???). Ou possui algo bem arcaico.

Piera Aulagnier afirma que a razão do horror à castração do perverso está no fato de perceber que a mãe desejante é castrada. Há um desmentido, onde o perverso recusa esse "saber" sobre a mãe. Sua demanda é reconhecer como verdadeiro o que foi denegado. Não quer saber e por isso afirma o saber sobre o seu desejo (lei do desejo onipotente). O seu desejo se opõe à realidade da castração e para sustentar isso ele constrói jogos perversos. Estamos falando de um campo de ilusão que não se insere no registro simbólico, que não permite investir em um objeto variado e que possui um mundo psíquico medíocre.

O sujeito perverso só deseja provar que a castração não existe. Aqueles golpes mais comuns como vender algo que não existe sempre fisgaram pessoas que se iludem com a conversa onipotente, com um eu completo, narcísico ao extremo sem lugar para a dor, angústia e desamparo.

O fetiche seria um dos mecanismos de defesa usado pela mente perversa. Fetiche é o substituto do "pênis" da mãe, representando uma saída psíquica pobre que permite a crença de que não houve castração. Fetiche = falta; renega a castração. Há diferença entre repressão e renegação ou recusa. Na repressão temos um processo de exclusão de uma idéia da consciência. O retorno do reprimido não se contrapõe ao que foi reprimido, não lhe faz oposição. A renegação age contra uma percepção que reconhece. É a substituição de uma realidade por outra.

Depois do que foi exposto, como podemos pensar o tratamento do perverso? É necessário não entrar no desafio perverso, não ser onipotente e possibilitar pontes simbólicas. O que me ajudou muito, no sentido da técnica inclusive, foram as idéias de Joel Birman a respeito da feminilidade e do masoquismo.

Para Freud a feminilidade é descrita como o "rochedo da castração", impossível de se ultrapassar e como uma fonte de perdas narcísicas. É uma visão "negativa" pois não apresenta possibilidades para o sujeito. Mas, para Birman a feminilidade é um traço que se inscreve no registro da falta e faz parte da experiência do desejo. Com a feminilidade se revela o lado erógeno do desamparo. Essa é a grande novidade teórica, representando um lado positivo. O negativo seria o masoquismo feminino (perverso) e o moral, ambos presos a referências fálicas. Birman(1999), em "Cartografias do Feminino", assinala que: "Além disso, indico que a feminilidade é a forma crucial de ser do sujeito, pois sem a ancoragem nas miragens da completude fálica e da onipotência narcísica, a fragilidade e a incompletude humanas são as formas primordiais de ser do sujeito. Justamente por isso que o sujeito seria desejante."(53pp) E é esse sujeito desejante que a experiência psicanalítica deseja encontrar.

Penso que existem mais "montagens perversas" com neuróticos do que estrutura perversa de fato. A diferença entre perversos e neuróticos além da questão edípica está no fato de se ter horror à castração. Para o perverso, a castração significa desamparo totalmente recusado. Já o neurótico, consegue até entrar em contato, mas tentará sempre driblar a castração surgindo assim, os sintomas perversos.

A dor de um desamparo não precisa necessariamente passar pelo horror, essa é a nova leitura de um masoquismo erógeno que possibilita um desligamento dos emblemas fálicos e permite ao sujeito se relacionar consigo mesmo e com o outro em "bases erógenas". Birman alerta para o fato de não confundirmos limites com limitações. É necessário uma confrontação com os limites e com o desamparo, mas algo deve ser oferecido, como por exemplo, o desejo e a vivacidade de um sujeito pulsional. Ou seja, não deveria haver lugar para análises não castrados simbolicamente, que se identificam com um lugar onipotente.

Falo de analistas, que culpabilizam o paciente ao interpretar a castração ou se-duzem o analisando com convites de manifestação da agressividade. Essa seria uma posição masoquista que não permite "novos circuitos de erotização". Su-portar a castração implica dar cortes e abrir a esperança para novos caminhos.

Enfim, acredito nas idéias de Birman e na possibilidade de análise de um sujeito perverso a partir de uma nova construção do aparelho psíquico, per-mitindo "ligações" de um excesso pulsional. (Birman, 1999), em "Cartografias do Feminino", assinala que : "Bastaria uma escuta pontual, instantânea, para tornar possível uma outra vida. Uma escuta que no seu lusco-fusco pudesse tornar visível o invisível ao possibilitar que o indizível do desejo se fizesse carne."(102pp)

Espero conseguir...

**ABSTRACT:** *This article offers a theoretical course about the perverse structure and how it differs from perversity found in daily acts. The instinctual subject (the perverse) and its omnipotent desire can only construct a psychic apparatus that would afford him to realize new translations of the abandon experience. The autor suggests that a new psychoanalytic perspective about femininity and masochism could be a way to connect instinctual surplus.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Desamparo, Perversão, Masoquismo, Li-gação Pulsional, Estrutura.*

#### BIBLIOGRAFIA:

- AULAGNIER, P. *Um intérprete em busca de sentido* - I . São Paulo, Escuta, 1986, 310p.
- BIRMAN, J. *Cartografias do Feminino*. São Paulo, Editora 34, 1999, 219p.
- BLEICHMAR, H. *Introdução ao estudo das perversões- teoria do Édipo em Freud e Lacan*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984, 224p.
- CLAVREUL, J. et alli. *O desejo e a perversão*. Campinas, São Paulo, Papirus, 1990, 322p.
- DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, Taurus, 1993, 124p.

FREUD, Sigmund(1905). "Três ensaios para uma teoria sexual". In *Obras Completas*.

Rio de Janeiro, Imago, 1990, Vol.VII.

\_\_\_\_\_(1909). "Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci", Vol. XVIII.

\_\_\_\_\_(1913). "Totem e Tabu", Vol. XIII.

\_\_\_\_\_(1915). "A Pulsão e seus destinos", Vol. XIV.

\_\_\_\_\_(1919). "Bate-se em uma criança", Vol. XVII.

\_\_\_\_\_(1920). "Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina", Vol.XVIII.

\_\_\_\_\_(1921). "Cap. VII-Psicologia das Massas", Vol. XVIII.

\_\_\_\_\_(1923). "O Ego e o Id", Vol. XIX.

\_\_\_\_\_(1923). "A organização genital infantil", Vol. XIX.

\_\_\_\_\_(1924). "A dissolução do complexo de Édipo", Vol. XIX.

\_\_\_\_\_(1924). "O problema econômico do masoquismo", Vol. XIX.

\_\_\_\_\_(1927). "O Ferichismo", Vol. XXI.

\_\_\_\_\_(1931). "Sexualidade Feminina", Vol. XXI.

\_\_\_\_\_(1933). "Feminilidade", Vol. XXII.

LAPLANCHE & PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1994, 552p.

Francy Ribeiro Moreira

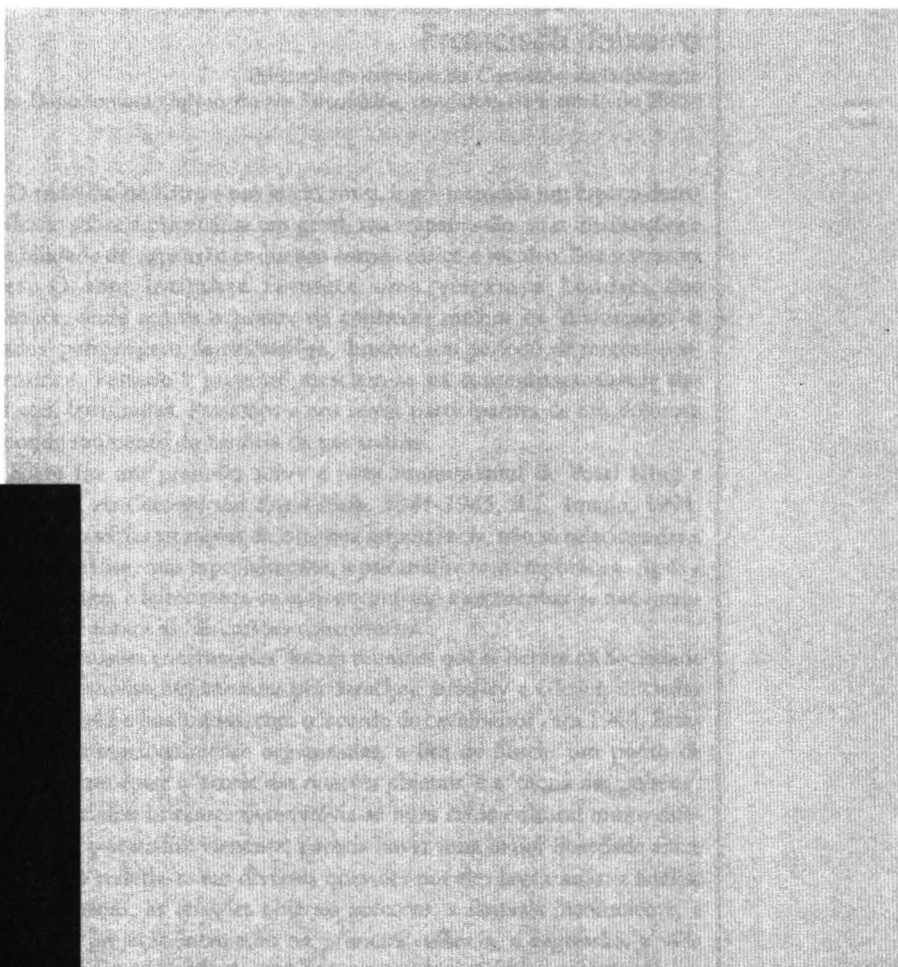
R. Francisco de Oliveira Castro, 115 - Jardim Europa

Assis - São Paulo - Cep: 198000-000

Tel: (018) 322-1305







**T**RADUÇÕES



## NOTAS SOBRE, "CIÊNCIA OU FURTO? A CONTROVÉRSIA FREUD-KLEIN 1941-1945" DE JANE KITTO.

Francisca Teixeira

Psicanalista membro da Comissão de Publicação  
do Departamento formação em Psicanálise, candidata do Instituto da SBPSP

O trabalho de Kitto é um início em si, logo, introduz um espaço destinado à reflexão sobre a psicanálise em geral, sua transmissão, suas instituições e a sua possibilidade de expansão enquanto corpo teórico e técnico. Sua narrativa é simples. O tom intimista favorece uma viagem a Londres dos anos quarenta, onde temos o prazer de conhecer melhor os 'divinizados' e 'profanizados' personagens da psicanálise, durante um período de intensa produção científica. Passado e presente mesclam-se na contemporaneidade das temáticas aqui levantadas. Passamos a nos sentir participantes de um doloroso porém fecundo momento da história da psicanálise.

Kitto faz um prelúdio sobre a obra monumental de Pearl King e Riccardo Steiner, *As Controvérsias Freud-Klein, 1941-1945*, R.J., Imago, 1991, nos apresentando várias situações de extrema importância, não só relacionadas a história da psicanálise, mas especialmente, a psicanálise contemporânea. Após a leitura de seu artigo, o leitor sente-se mais encorajado a embrenhar-se nas entranhas daquilo que foram as 'discussões controversas'.

As 'discussões controversas' foram reuniões que se deram na Sociedade Britânica de Psicanálise, organizadas por Strachey, Brierley e Glover, iniciadas em outubro de 1942 e finalizadas, com o 'acordo de cavalheiros', em 1944. Essas reuniões foram intencionalmente organizadas, a fim de buscar um ponto de sustentação comum entre a 'teoria das relações objetais' e a 'teoria das pulsões'.

A psicanálise britânica desenvolvia-se num caldo cultural muito diferente daquele da psicanálise vienense, parecia haver uma maior liberdade entre os ingleses, e esta refletia-se em diversas questões por eles levantadas: a análise de crianças pequenas, as relações objetais precoces, a fantasia inconsciente, a possibilidade de projeção/introjeção na primeira infância, a regressão, a vida emocional do bebê e a posição depressiva, entre outras. Com a ascensão do nazismo e especialmente nos anos de 1938 a 1940, vários analistas europeus, inclusive a família Freud, migraram para Londres, onde formaram um grupo freudiano, consubstanciando-se numa cisão na sociedade e uma disputa entre os dois grupos.

Assim como Grosskurth (1992), Kitto, enfatiza o contexto social em que se deram as 'discussões controversas', ou seja, os anos de guerra, a escassez de trabalho, a 'histeria' que tomava conta dos analistas refletindo-se, muitas vezes, na luta pelo poder dentro da instituição. No entanto, esse pano de fundo intensificava algumas questões emocionais relacionadas com temores de extinção, perseguições, fantasias de deposição e estados mentais fronteiriços. Tais angústias, precisavam ser contidas pela instituição para que a mesma se mantivesse viva e produtiva.

E no meio desse turbilhão encontravam-se questões científicas. Não há dúvidas sobre a qualidade dos trabalhos produzidos durante esse período, especialmente pelo grupo kleiniano, fazendo-nos pensar o quão frutífera fora a proposta de realização dessas reuniões, não só permitindo o desenvolvimento do pensamento kleiniano, mas também da psicanálise em geral.

No entanto, de lá para cá pouca coisa mudou, situação atual permanece muito parecida com aquela estabelecida pelo 'acordo de cavalheiros'; a grosso modo, freudianos toleram kleinianos e vice-versa.

Desta maneira, fechou-se o campo para as possibilidades científicas e herdamos uma psicanálise que se encontra em um lugar fronteiro e cindida. Resta, aos psicanalistas contemporâneos e especialmente aos institutos de formação psicanalítica, o desafio de lidar com as questões do desenvolvimento teórico das idéias psicanalíticas: como a psicanálise poderá desenvolver-se como corpo disciplinar sem a aproximação de seus grupos, suas idéias, seus conceitos em um contexto dialético, estimulador de reflexões e livre de competições entre as partes?

#### Referência Bibliográfica

- HINSHELWOOD, R.D. Dicionário do Pensamento Kleiniano, PA, Artes Médicas, 1992.
- GROSSKURTH, P. O Mundo e a Obra de Melanie Klein, RJ, Imago, 1992.

## "CIÊNCIA OU FURTO: A CONTROVÉRSIA FREUD-KLEIN, 1941-1945"\*

Jane Kitto

Tradução: Francisca Teixeira.<sup>1</sup>

Revisão: Cecília Camargo.

\* originalmente publicado em :  
*Free Association*, Volume 6, Part 3  
# 39:445-460, 1996.

<sup>1</sup> Agradeço a contribuição de todos os membros do grupo de Resenha, e em especial ao colega Lineu Silveira.

Bion inicia suas *Conferências Brasileiras* relatando a lenda do Cemitério Real de Ur. Em um sítio conhecido como a Cova da Morte, uma vala fora escavada para que na ocasião da morte do Rei, todos seus súditos, em suas melhores vestes e jóias, pudessem ali se envenenar, sendo mais tarde conjuntamente enterrados. Quatrocentos anos depois, ladrões saquearam esta tumba roubando-lhe todas as preciosidades. Provavelmente, esses homens não temeram a aura sagrada e real que pairava sob tal sítio. Bion chamou-os de "patronos do método científico: os primeiros a atreverem-se em abrir caminho através das sentinelas fantasmagóricas da morte e de seus assistentes sacerdotais". (Bion, 1990).

A lenda do Cemitério Real de Ur foi escolhida como uma espécie de epígrafe, uma vez que a mesma condensa alguns dos principais temas aqui tratados.

*The Freud-Klein Controversies* (King, 1991) [As Controvérsias Freud-Klein] é uma publicação, onde consta transcrição completa dos registros de reuniões internas ocorridas no período de 1942 a 1944 na Sociedade Britânica de Psicanálise. Estes eventos foram posteriormente denominados de "discussões controversas". Para nós, participantes do mundo psicanalítico, satisfeitos ou não, essa é a nossa história, já que de uma forma ou de outra, o resultado desses debates moldou o desenvolvimento de várias instituições psicanalíticas, criando problemas com os quais os psicanalistas lutaram há cinquenta anos atrás e que lutam até hoje.

Neste artigo, foram selecionados alguns temas facilitadores de ansiedades que atormentavam os psicanalistas na época. Através desta abordagem, poderemos então, obter melhor compreensão da direção tomada pelos eventos institucionais. Acompanharemos também nesse processo, o esforço realizado por alguns indivíduos, que diante de uma situação tão delicada, insistiram em colocar-se de forma moderada, procurando sempre que possível preservar suas capacidades criativas.

Dois problemas assolavam a Sociedade Britânica de Psicanálise durante a realização das "discussões controversas": o primeiro, relacionava-se à liderança da instituição, fundada e liderada por Ernest Jones desde 1919, encontra-

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre esses eventos ver King 1994.

<sup>3</sup> (N.T.) *Operação Overlord* também chamada de *Operação Suserano*, teve início em Dezembro de 1943. Tinha como objetivo destruir ferrovias e estradas, a fim de impedir a comunicação da Alemanha com a parte ocupada da França, culminou na invasão da Normandia em Junho 1944. Ver: *Grande Crônica da Segunda Guerra Mundial*, Reader's Digest, Editora Ypiranga, 1969.

<sup>4</sup> (N.T.) A iminência da fundação de tal política nacional incentivou os membros da sociedade a formarem um comitê médico destinado a investigar o "papel da psicanálise no mundo pós-guerra". Ver: Grosskurth, P. *O Mundo e a Obra de Melanie Klein* 1992, RJ, Imago, 347 pp.

va-se em momento de transição uma vez que sua liderança passava para as mãos de Edward Glover, percebido como excessivamente autocrático; o segundo, consistia na chegada da família Freud a Londres. Os refugiados de Hitler trouxeram para dentro da Sociedade as diferenças já existentes entre Anna Freud e Melanie Klein. Estas se manifestavam não somente no campo da psicanálise infantil, mas também no campo da psicanálise em geral, ou seja, em toda a sua fundação teórica. Ambos os problemas, o institucional e o científico, produziram uma atmosfera de discórdia e hostilidade entre os membros, que alguns, irritados com tamanha disputa, propuseram a realização de uma série de encontros e discussões. Nesses encontros, o grupo kleiniano incumbia-se de defender, a compatibilidade existente entre a "Teoria das Relações Objetivas" e a "Teoria das Pulsões". Para isso, membros do grupo kleiniano deveriam preparar seus trabalhos antecipadamente, a fim de fornecer oportunidade de réplica por parte dos outros membros. Mais tarde, esses trabalhos foram publicados no livro *Developments in Psychoanalysis (Progressos em Psicanálise)*.<sup>2</sup>

A fonte pesquisada para a realização deste artigo, apresenta registros literais das discussões e reuniões, tais como: reuniões do Comitê Científico, reuniões preparatórias para eventos, reuniões do Comitê Médico e da Infância, e um grande número de anotações do Comitê de Formação.

Isso tudo soma-se a vasto material, cuja editoração dependeu de monumental organização: juntar e checar referências numa massa de escritos. Não menos surpreendente, deve ter sido a façanha de secretariar e administrar autênticos apontamentos em todas as discussões, sem o auxílio de gravadores ou copadoras. Este fato, torna a leitura do material absorvente, uma vez que, até as interrupções para o chá são relatadas, fazendo-nos sentir como se estivéssemos espionando algo íntimo e doloroso.

Riccardo Steiner, num artigo de 1985, nos coloca a par do contexto social em que esses eventos desenvolveram-se: Londres encontrava-se durante a *Blitz* — guerra-relâmpago; refugiados alemães e austríacos, indivíduos cujas vidas haviam sido fraturadas, encontravam-se, naquele momento, em um país onde eram classificados como inimigos estrangeiros e estavam totalmente tolhidos em sua liberdade; a convulsão interna ecoava contrapondo a externa. A propósito, em uma reunião em Março de 1944, já no final do período, escutamos Adrian Stevens dramaticamente declarando: "*Durante o ano que passou a Sociedade esteve des governada sob diversas formas. Nós estamos sofrendo*". E Michael Balint: "*Na maior parte do mundo o Comitê de Formação estrutura-se de maneira estável. Seus membros não variam*". Isso ocorreu três meses antes da *Operation Overlord*<sup>3</sup>, enquanto amadureciam os planos para a fundação de um *Serviço Nacional de Saúde* no Reino Unido.<sup>4</sup>

Durante esse período, James Strachey tornou-se uma figura central na psicanálise. Como secretário do Comitê de Formação, apresentava um "memorandum" para a Sociedade sempre que requisitado. Participava pouco das discussões e das reuniões administrativas, no entanto, segundo Steiner, "suas

contribuições para as importantes discussões do Comitê de Formação, e seus comentários ponderados quanto à delimitação das tarefas do Comitê, tinham papel essencial para manter a Sociedade em um 'meio termo' (p.XXIII). Apesar de ter se mantido em Cambridge a maior parte do tempo, Strachey foi importante o suficiente, merecendo ser particularmente mencionado.

Provavelmente, tanto a clareza como agudeza de Strachey foram demasiadas para a Sociedade. Cultural e economicamente independente da mesma, Strachey circulava próximo a figuras proeminentes do mundo artístico, literário, científico, político e governamental. Distante a suficiente de *Gloucester Place*<sup>5</sup>, ele procurava manter uma visão moderada sobre os eventos que lá aconteciam.

No entanto, sua paciência se estreita, diante das várias disputas internas da Sociedade. Ao desculpar-se por sua ausência em uma das reuniões do Comitê de Formação do qual era secretário, escreveu a Glover de maneira irritada em 1940:

*"Me parece que o problema envolve extremismos de ambas as partes. Minha opinião pessoal é que a Sra. K. {Klein} está realizando contribuições extremamente importantes para a PA. {psicanálise}, mas é um absurdo concluir que: a) elas englobem toda a matéria, e b) que sua validade seja axiomática. Por outro lado, penso que é igualmente ridículo que a Sra. F. {Freud} mantenha a PA. {psicanálise} como uma das posses da família F. {Freud}, considerando as idéias da Sra. K. {Klein} como totalmente subversivas. Essas atitudes, de ambas as partes, são claramente religiosas e uma antítese da ciência... De fato, me sinto como Mercúcio<sup>6</sup>. Por que esses miseráveis fascistas (estrangeiros odientos) e comunistas tiveram que invadir nossa cordata e pacífica ilha? - Bem, acho que estou mais exaltado do que imaginava". (pp. 32 a 33).*

Parece ser difícil compreender o tom dessas palavras segundo os padrões culturais de hoje, e para isso, precisamos nos lembrar que a Inglaterra estava recebendo um enorme fluxo de refugiados pela primeira vez na vida da maioria de sua população e de seus antepassados. E ainda, quando os EUA entraram na guerra, um grande número de soldados americanos estabeleceram-se por aqui! E para aumentar a confusão, devemos lembrar, que muito dos refugiados estrangeiros, vieram do país inimigo, ou seja, daquele que nos bombardeava, causando escassez de alimentos, entre outras desgraças. Diante de tais circunstâncias, não é espantoso que alguns indivíduos pouco se preocupavam em fazer uma distinção entre judeus alemães, tchecos desalojados, e outros.

## O Pensamento Científico e o Problema Freudiano

Nessa época, os psicanalistas já enfrentavam dificuldades inerentes à reflexão sobre as idéias psicanalíticas: *seria realmente possível ou permissível pensá-las como um todo?* Para alguns membros do grupo freudiano, parecia impossível considerar os textos de Freud como o trabalho de um indivíduo que desenvolve

<sup>5</sup> (N.T.) Local onde encontra-se sediada a Sociedade Britânica de Psicanálise.

<sup>6</sup> (N.T.) O amigo e conselheiro de Romeu, morto em um duelo. Ver William Shakespeare "Romeu e Julieta".



conceitos, descarta antigas formulações e chega a uma conclusão em seu desenvolvimento. Para alguns indivíduos, o texto freudiano era considerado verdade indiscutível, assemelhando-se a um texto herdado de Deus, o qual só é possível criticar a tradução, nunca discordar. Steiner costumava dizer que alguns vienenses conheciam de cor as passagens freudianas.

Essa atitude pode ser observada por nós, através do emprego de formulações, como por exemplo: "Tais colocações ignoram todas as diferenças que *nós aprendemos a fazer*". (H. Hoffer 426 pp.); "*Estou meramente afirmando que as opiniões da Sra. Isaacs sobre o assunto são incompatíveis com as opiniões de Freud*" (Glover, 399 pp.); "*Freud nos ensinou*", que incorporação, difere-se de projeção, isto implica na tendência de prejudicar o outro, e a sua existência pressupõe uma completa relação de objeto durante o estágio oral, e *nisso nós não acreditamos*" (Kate Friedlander, 728 pp.). Esse tipo de formulação ainda é utilizada hoje em dia, como nosso próximo exemplo pode mostrar, pois foi extraído de um discurso do presidente da Associação Internacional de Psicanálise, Horacio Etchegoyen, (não exatamente um seguidor de Freud): "[realidade psíquica] é um conceito decisivo para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico, marcando assim, o ponto onde Freud definiu seu campo de pesquisa e *apontando o caminho a ser seguido por todos nós em nosso trabalho*" (itálicos do autor, 1996).

O problema que muitos psicanalistas acreditavam estar enfrentando naquele período, resumia-se em como permitir a penetração de novas idéias, sem que toda a estrutura teórica da psicanálise colapsasse dentro de um misticismo, uma psicanálise selvagem, ou uma subjetividade total.

*"Se nós aceitássemos a definição kleiniana de fantasias e de introjeção, todo controle científico sobre as interpretações psicanalíticas desapareceria, pois seguindo esses conceitos seria muito simples provar que a lua é feita de queijo verde"*. (Glover, 711 pp.).

Não é surpreendente a necessidade dos vienenses de se agarrarem a velhas convicções, ... se bem que esse debate antecedia o período de guerra ..., e tal argumentação não se aplicaria a Glover, um profissional inglês bem estabelecido, que provavelmente sofria de uma outra ameaça, aquela relacionada com a sua posição política, o possível sucessor de Jones na presidência da Sociedade.

Não devemos esquecer, o esforço particularmente realizado por Susan Isaacs e Ella Sharpe na luta em busca da verdade e de seus meios de investigação. Ao fazer referências constantes a Glover em seus escritos, Isaacs deixava seu "rival" irritado, e como resposta a tamanha irritação ela contestava:

*"Não estou nem um pouco preocupada em marcar pontos. Estou protestando abertamente contra a tentativa de forçar a discussão sobre as divergências científicas para o campo pessoal e político. Mencionei e mencionarei ainda mais, os trabalhos publicados pelo Dr. Glover, sempre que considerá-los justos e verdadeiros"*. (448 pp.).

Isaacs elegantemente virava a mesa, quando desafiada sobre a base das idéias kleinianas:

*"Fantasias inconscientes são sempre inferidas, nunca observadas como tal. Assim, como Dr. Glover observou, em passagem anteriormente mencionada por mim no Simpósio (sobre análise de crianças), o paciente nunca nos conta suas fantasias inconscientes ... Ele diz e faz coisas de maneira tal que nos possibilita deduzir que tais fantasias inconscientes ou resistências estão atuando". (444 pp.)*

Isaacs continua:

*"Não importa quem descobriu o que, desde que todas as descobertas possam ser compartilhadas e reconhecidas, e que nenhum grupo de trabalho reivindique a posse dogmática privada dos segredos mais profundos de uma verdade. Desta forma, terminaria essa tolice sobre 'kleinianos' e 'freudianos'". (457 pp.)*

Na linha de frente, Isaacs esforçava-se por defender a causa kleiniana. Mostrava-se preparada, pronta para compartilhar suas reflexões, suas referências a Freud, sua lógica e lucidez, toda vez que trabalhos de outros membros estavam em discussão.

De forma distinta, Ella Sharpe era mais independente, porém engajada, privilegiava sempre o vértice teórico-clínico. Numa passagem extraordinária, ela nos fala sobre as necessidades individuais de aderência a um corpo teórico. (itálicos são do autor).

*"A crença absoluta na presença física e real do bom objeto concreto interno ... preserva a ilusão da não-separação corporal. Assim, a introjeção e a projeção primitiva são tentativas de repudiar a realidade da separação corporal. ... O trabalho de luto não se realiza enquanto retém-se a crença na presença física do bom objeto interno... Nossos problemas começam com a realidade, com a separação e com a mãe que era um ser sexuado que teve outras crianças com o pai, o reconhecimento dessas realidades é uma afronta ao narcisismo e ao idealismo. ... Segundo Freud, o superego é susceptível a influências e pode ser alterado para melhor; o que deriva da crença na incorporação real é inacessível e impenetrável, crença no bem inexorável, e no mal implacável." (338 pp.)*

Estaria Ella Sharpe realmente revelando ao grupo que Freud poderia ter se tornado o objeto real incorporado? Que separação e luto impossibilitados de serem elaborados impediriam o desenvolvimento do pensamento? Estaria ela dizendo realmente isso, ou não? O próximo colaborador do debate escapou do tema movendo-se para outros campos da investigação psicanalítica.

Não é de se surpreender que seus apontamentos, demasiadamente penetrantes, não fossem levados em consideração. As contribuições de Sharpe eram

tratadas com o devido respeito, pois elas estavam entre as mais inteligentes e criativas do grupo. Sempre atenta aquilo que se passava com o grupo, Sharpe tentava chamar a atenção dos membros para a existência de processos inconscientes que ocorriam entre os membros, e citava Emerson, quando este falava sobre a quantidade de energia requerida para persuadir um ser humano a mover-se “*para dentro de um chiqueiro mais limpo que o seu*”. De fato, muitos membros estavam desapontados e ansiavam por retomar a tranqüilidade banida pela guerra.

Geralmente, Sharpe abrandava a força de seus comentários referindo-se repentinamente a sua clínica, oferecendo exemplos ilustrativos sobre pacientes. Se por um lado, essa tendência afastava-a de seus objetivos, por outro podemos admirar em seu estilo, a proximidade, e o envolvimento pessoal das suas comunicações, como no exemplo abaixo:

*“Edward Glover andou dizendo ‘que o termo narcisismo está fora de uso’. Para mim, narcisismo está vagarosamente deixando de ser um termo intelectualmente apreendido, para dar lugar a compreensão viva de um estado e de uma experiência. Talvez, nos sentíssemos mais vivos se pudéssemos começar a sentir aquilo que se encontra envolvido no narcisismo e o que realmente significa sentir-se enredado por ele”.* (809 pp.)

### A Formação

Temas similares aos anteriores, também emergiram na seção destinada à formação de analistas.

A questão da idealização do analista didata aparecia constantemente relacionada à pessoa de Klein. Marjorie Brierley escreve em seu memorandum sobre a técnica:

*“Foi a prontidão com que os simpatizantes de Klein disciplinavam-se, suas susceptibilidades, zelo e hipersensibilidade, que me levantavam algumas questões... Eles {os candidatos} mantinham-se dentro da necessidade psíquica de engolir o seu treinamento por inteiro, de forma a nunca utilizarem de seus dentes contra aquilo que lhes fora ensinado.... Dentro de tais circunstâncias, não poderia haver esperanças de progressos estáveis; somente a chance de uma revolução”.* (627 pp.)

Em contrapartida, Sylvia Payne observou que os analistas ingleses, utilizavam-se ativamente de interpretações transferenciais, antes mesmo da chegada de Melanie Klein a Londres. Inclusive, alguns desses analistas utilizavam-se dessas interpretações, logo no início do tratamento, mesmo tendo sido aconselhados a serem cautelosos a esse respeito por Hanns Sachs, analista de Klein em Berlim. No entanto, a alegação que os kleinianos estariam virando a mesa, através do recrutamento de novos candidatos, foi firmemente refutada por Ella Sharpe que providenciou números a fim de mostrar que o grupo kleiniano tinha poucos analisandos em formação (apesar do grande número de analistas, membros da Sociedade, que

encontravam-se em sua segunda análise com Klein ou com algum de seus seguidores). Ao debater questões relacionadas a formação, Sharpe desenvolveu um bom argumento sobre a necessidade de independência e de desenvolvimento do candidato (tendo como contexto a idealização do analista):

*"Foi, através de um longo percurso, lidando diretamente e quase que sem auxílio com os nossos problemas, que a maioria de nós, compreendeu o quão imperfeita é a nossa técnica. Aprendemos primeiramente a partir de tentativa e erro. Tínhamos a vantagem inestimada de compartilhar e conversar com colegas e contemporâneos sobre nossos casos. Não havia líderes e nem liderados, éramos independentes, a ajuda era mútua, nos encontramos em pé de igualdade e compartilhávamos de um deleite comum em nossos encontros. Atribuo como parte da liberdade que sentíamos, o fato de naquele momento, estarmos separados de nossos analistas pelo Canal da Mancha, um importante bastião de nossa independência em várias ocasiões". (646 pp.)*

Parte central da discussão sobre a formação, encontra-se no memorandum criado por James Strachey e apresentado, sem modificações, como o relatório oficial do Comitê de Formação da Sociedade. Tal documento é um monumento de clareza e de bom senso, Strachey não advoga, mas apresenta alternativas ao Comitê. Apesar de seu tom orgulhoso, é como uma brisa de ar fresco, no ar viciado da mesmice.

O memorandum inicia-se estabelecendo uma distinção entre o objeto científico e o objeto político:

*"Problemas científicos devem ser abordados a partir de uma lógica rigorosa e de uma nítida consistência: não existe meio termo entre o verdadeiro e o enganoso. Problemas administrativos, e suas considerações rotineiras, exigem a constante avaliação de suas probabilidades, necessitando flexibilidade e compromisso. Porém, não há nenhuma contradição aqui. A adaptabilidade política não se encontra de maneira alguma incompatível com a visão estrita de uma verdade científica". (603 pp.)*

Então, Strachey inicia-se na questão da verdade e da ortodoxia: *"Existem duas possibilidades: de um lado, a psicanálise pode se colocar como um sistema fechado, imune e repleto de verdades incapazes de expansão ou correção". (603 pp.);* ou por outro lado, pode-se seguir os conselhos de Freud, que escreveu em 1923, *"{A psicanálise} avança às apalpadelas, com a ajuda da experiência, está sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou modificar suas teorias"* (253 pp.)

E nos alerta, que caso a primeira alternativa seja escolhida precisaríamos de um líder onisciente capaz de nos mostrar o caminho certo (um líder onisciente certamente nos salvaria das ansiedades). No entanto, Strachey continua, opiniões divergentes, não são um mal a ser ultrapassado, pois estão diretamente relacionadas à busca do conhecimento e estabelecem as condições

necessárias para o seu desenvolvimento. Assim como colocou Brierley, ele sugeria que deveríamos tolerar colegas e professores considerados apenas parcialmente competentes.

*"Existem alguns conceitos básicos sobre os quais podemos concordar unanimemente. Assim, todos nós estamos de acordo em recusar a receber no Instituto um candidato que nunca tenha ouvido falar em Complexo de Édipo, ou alguém que acredita que a claustrofobia é causada pela ação dos raios lunares sobre o couro cabeludo". (pp. 605 a 606).*

De outra forma, existem diferentes opiniões sobre o início do período de latência, ou seja, quando inicia-se o período de latência, e essas opiniões precisam ser toleradas; uma vez que, tanto a verdade como o saber nunca encontram-se estanques, e se qualquer desentendimento provocar em nós uma crise aguda, nunca sairemos do lugar.

Avançando um pouco mais, Strachey nos coloca uma questão interessante: o que teria acontecido se as teorias freudianas tivessem sido desenvolvidas por mais de uma pessoa, ou seja por duas ou três pessoas sucessivamente? Certamente, ele responde, cada modificação teria provocado uma crise similar à que estamos experimentando nesse momento.

E, para concluir:

*"O critério essencial envolvido na escolha de um membro didata, não deveria ser a correção de sua visão etiológica ou teórica, mas sim a validade de sua técnica". (607 pp.)*

### A Criança

A contribuição que mais produziu desacordos na época foi o artigo de Susan Isaacs, "A Natureza e a Função da Fantasia", provavelmente devido à idéia de que os recém-nascidos possuem fantasias originadas em ansiedades primitivas palpáveis. E isso fez Anna Freud protestar.

*"A teoria não se baseia mais no fato da complicada vida emocional do adulto construir-se a partir das vicissitudes pulsionais, mas que tanto as emoções primárias brutas quanto as atitudes emocionais complicadas estão operando prematuramente, mostrando-se ainda mais importante que os instintos biológicos". (728 pp.)*

Introduz-se assim o problema mente/corpo, que Paula Heimann responde (1952):

*"Estamos sempre lidando com a entidade mente/corpo. O principal autor de moções em toda a vida mental são as pulsões, esses processos dinâmicos e fronteiriços que*

*relaciona os dois, corpo e mente. É muito provável que as secreções internas de nossas glândulas cheguem bem perto de serem o veículo material das pulsões".*<sup>7</sup> (739 pp.)

<sup>7</sup> Para um relato detalhado sobre essa discussão ver Hayman (1994).

Mais adiante retornaremos a esses processos fronteiriços. No momento, gostaríamos simplesmente de apontar para o impacto sentido através da consideração da existência de fantasias inconscientes primárias. Penso que aquilo que se coloca como mais ameaçador, não é a existência de fantasias destrutivas do bebê, mas fundamentalmente a concepção de um bebê vivendo fora da bruma auto-erótica e interagindo engajadamente no mundo de seus pais.

Se por um lado, somos capazes de reconhecer a possibilidade da interação entre o bebê e o mundo, rejeitando a premissa auto-erótica sobre a existência de um jubiloso período pós-natal; por outro lado, muitas mães ainda negam a primeira afirmativa quando formulam que seu bebê "não percebe" ou "não reconhece" o mundo a sua volta. Partindo de tais observações, podemos compreender o auto-erotismo como um lugar seguro, onde o adulto instala o recém-nascido encapsulando-o em um estado de impossibilidade interativa.

#### As Objeções a Klein

O maior receio expresso por Marjorie Brierley e Edward Glover relacionava-se com a possível dissolução da metapsicologia freudiana, numa reprodução de mente repleta de objetos, o que colocava em risco todo o controle científico do pensamento psicanalítico.

*"Se distorções da metapsicologia freudiana forem permitidas, esta encontra-se aberta para qualquer um reivindicar como verdade sua opinião pessoal sobre os conteúdos inconscientes".* (722 pp.)

Desta forma, as coisas poderiam tomar outro rumo e sair do controle. Esta situação nos faz lembrar o famoso comentário que Ruskin fez sobre o 'Nocturnes' de Whistler: 'arremessem uma lata de tinta no rosto do público'. Sugiro que aqui encontram-se presentes as mesmas fantasias de violência, destruição, caos, e até demência (devemos sublinhar que esse debate correu antes da publicação do artigo de Heimann em 1952 sobre a contratransferência e o desenvolvimento de pensamento através dos mecanismos de projeção e introjeção). Em tais circunstâncias, provavelmente temia-se a ausência de algo suficientemente sólido para ser colocado no lugar da metapsicologia freudiana; assim, tanto a teoria como a prática psicanalítica estariam destinadas a submergir aos objetos internos, demônios e homúnculos, afastando-se de um sistema, de uma razão; como se fosse iniciar a abertura da temporada da imaginação.

De certa forma, a concepção de um mundo interno independente do externo parecia difícil de ser aceita (parece ser assim até hoje), já que tal fato, nos confronta com uma ameaça semelhante àquela que envolve o bebê.

## A Instituição

A compreensão sobre os processos institucionais desenvolveu-se grandemente desde que essas discussões foram iniciadas. Desta forma, pode ser interessante adotar a leitura dos acontecimentos institucionais segundo Barbara Low. Ela apontou, como uma das dificuldades da instituição, a ligação realizada entre interno e o externo, uma ligação que só poderia se consumir a partir da existência e do conhecimento de um interior.

*"Nossa relação insatisfatória com o público reflete, em larga escala, as nossas relações internas insatisfatórias. Por isso, solicitei uma melhoria em nossa constituição, a fim de curar algumas de nossas dificuldades capacitando-nos a nos apresentar como uma frente mais unida para o mundo lá fora". (pp. 45 a 46).*

A idéia de que uma instituição seria capaz de funcionar como um continente capaz de conter ansiedades, particularmente as ansiedades psicóticas, existe desde 1953. (Jacques, 1953). Segundo esta concepção, a instituição deveria acolher os indivíduos de maneira a permitir a expressão de suas ansiedades de tal forma, a serem manejadas sem se tornarem intoleráveis ou fatalmente destruidoras. Seguindo essa linha de pensamento, esperamos encontrar a remoção de ansiedades, e o seu oposto- a condensação- conjuntamente com a ausência do princípio de não contradição (duas posições mutuamente excludentes podem ser assumidas simultaneamente sem desconforto). Para tal, as ansiedades deveriam encontrar na instituição um lugar onde pudessem ser expressas. Já salientamos a respeito de ansiedades surgidas a partir da ameaça de uma invasão estrangeira na Sociedade e que por sua vez coexistia com o temor de extradição por parte daqueles que não possuíam a cidadania Britânica (ou nenhuma outra cidadania); todos esses eventos eram fronteiriços. Todavia, afora a problemática da guerra, existiam motivos institucionais suficientes para o aparecimento de intensas ansiedades. Primeiramente, a ansiedade relacionada a psicanálise propriamente dita, não necessariamente no que dizia respeito a sua sobrevivência, mas sobre a sua integração, uma vez que esta poderia ser disseminada fora dos limites da Sociedade. Depois, havia a questão da liderança, o fim da era Jones, do pai-fundador, fortemente associado com o pai-Rei de Ur, nada mais nada menos que Freud. Existia, ainda, temores associados com as novas idéias, demandas sobre a técnica, e a inevitável ansiedade natural do trabalho analítico, e especialmente a parte central do assunto denominada por Klein de ansiedade psicótica.

Na mesma linha, Sylvia Payne apontou para o 'o temor da *extinção pessoal*, aquele precede a adoção de poderes políticos', e o que mais tarde elegantemente relacionou ao temor de deposição: (110 pp., itálicos do autor)

*"Uma explosão de fúria foi a primeira reação dos indivíduos ao se depararem com a afirmação feita por Copernicus: a Terra gira em torno do sol. Vocês se lembram do*

*destino funesto de Copernicus marcado pelo narcisismo ferido desses indivíduos? Explosão de fúria semelhante ocorre quando a criança pequena percebe que é ela quem rodopia em volta do mundo, e não o mundo em sua volta". (813 pp.)*

Existiam motivos o suficiente, os de fato e os potenciais, relacionados a fantasias de deposição tanto dentro quanto fora da instituição, fazendo desses temores realidade para muitos.

Como sempre, essas ansiedades convergiam em situações fronteiriças. Tanto o debate sobre a vida mental da criança, como o debate sobre a formação de novos analistas, encontravam-se repletos dessas ansiedades. A criança representava uma ameaça, pois era compreendida como um novato, um objeto de preocupação. O mesmo ocorria com os candidatos, os novatos da instituição, que possuíam seus mentores, seus analistas didatas. A questão envolvia as crianças, e os candidatos de maneira semelhante. Seriam os candidatos bons o suficiente? E nós [analistas] seríamos bons o suficiente para cuidar deles? Poderiam eles [candidatos] nos perturbar? Poderiam eles [candidatos] exigir de nós aquilo que nós não temos para oferecer? Auto-erotismo e ortodoxia; talvez essas idéias estejam, mais próximas do que imaginávamos.

Tivemos acesso a material suficiente para indagarmos se tal instituição foi capaz de conter tanta ansiedade. Num determinado momento, até Glover chegou a cogitar se a solução institucional residia na criação de uma outra Sociedade, separada da freudiana. Todavia, com o desenrolar dos fatos podemos perceber a redução do nível de ansiedade, a modificação da linguagem e a aproximação das situações difíceis. Segundo Brierley: "*Muitas das dificuldades presentes relacionadas ao ego primitivo e ao desenvolvimento de objetos desapareceriam se nós nos tornássemos mais cuidadosos, tentando correlacionar nossas observações e interpretações sobre o comportamento infantil, com a teoria do desenvolvimento expressa em termos de uma organização progressiva*", e continua de maneira cética: "*tenho certeza de que existem mais coisas envolvidas aqui do que uma mera escolha de palavras*" (818 pp.)

Porém, o nível de ansiedade só foi reduzido devido a divisão ocorrida na Sociedade. Anna Freud, seus seguidores e Glover desistiram das "discussões controversas", em resposta ao trabalho diplomático realizado por Sylvia Payne e outros que idealizaram o "acordo de cavalheiros". Tal acordo, delimitou os territórios e as esferas de influências entre os grupos freudiano e kleiniano, reassegurando a cada grupo o direito de treinar seus candidatos e ser representado em Comitês. Desde então, tornou-se impossível reiniciar os debates sobre questões teórico-técnicas, e a situação permaneceu vazia. "Toda essa situação entre freudianos e kleinianos não faz sentido algum", comenta Issacs em tom de lamento; no entanto, essa situação persiste até hoje. O desenvolvimento do "grupo do meio" (hoje o grupo independente) em nada alterou a situação a esse respeito.



## Os Dias de Hoje

A forma pela qual o trabalho analítico vem se desenvolvendo nos últimos cinquenta anos, encontra-se inteiramente calcada nesses eventos e em suas conclusões. Gostaria de levantar dois aspectos da questão que encontram-se intimamente relacionados: o aspecto científico e o aspecto fronteiriço.

Podemos dizer que a Sociedade se dividiu internamente a fim de evitar uma divisão externa, e é bastante significativa que nenhuma outra Sociedade de Psicanálise foi estabelecida neste país, fato que contrasta diretamente com muitos outros países que contribuintes da psicanálise, onde existe mais de uma Sociedade de Psicanálise.

E continuamos a observar, hoje em dia, que a integração e as mudanças teóricas acontecem tímida e raramente. No decorrer da formação teórica nos é transmitido que as "várias" linhas teóricas da psicanálise são excludentes, por isso são teorias rivais. Esse ponto foi bem colocado por David Smith, quando diz: *"retalhar o território de forma a cada teoria ser apresentada com a soberania sobre o seu próprio reino"* não resultará num esforço de harmonizá-las. (1991, 422 pp.). Quando a crítica e o debate estão ausentes, cria-se esse tipo de ecumenismo apontado por Smith, tornando-se o único refúgio ao intolerável conflito, essa situação que não deixa de ser o resultado do "acordo de cavalheiros".

Com o passar dos anos, a psicanálise cresceu para fora dos limites da Sociedade sob diferentes nomes como psicoterapia de base analítica (e suas versões). Tentativas frustradas foram realizadas num esforço constante de definição e diferenciação entre psicanálise e psicoterapia. Aqui, dois fatores devem ser levados em consideração: primeiro, que a necessidade de distinção provém da necessidade de manejar fantasias de contaminação ou dissolução, questões que cercaram a psicanálise desde o seu início, ou seja, problemas, ligados à psicanálise selvagem, à sugestão, ao aconselhamento, ao contato físico, etc ... Segundo, de maneira inversa, a necessidade de manter princípios e práticas psicanalíticas, de forma que o trabalho possa ser transmitido mais ou menos por inteiro. Dessa necessidade, nasceu o regulamento existente em algumas sociedades psicanalíticas onde apenas os membros da Sociedade Britânica de Psicanálise podem assumir certas funções institucionais (analista didata, ou supervisor).

Neste ponto voltemos a Strachey e na insistência que os critérios de verdade e de falsidade só podem ser mantidos através do axame minucioso dos fatos. A questão colocada por ele diz respeito a como podemos definir quando um profissional é um 'bom técnico', e ele diz:

*"Poderia ser de grande valia se tanto os membros candidatos, como os membros didatas pudessem reunir-se regularmente para debater os detalhes atuais de seus procedimentos técnicos".* (676 pp.)

A proposta de Strachey não vingou, e conseqüentemente, ficaram registradas manifestações de dois membros sobre o assunto: segundo Melitta Schmideberg, a filha apartada de Klein, "*essas discussões tiveram início há alguns anos e foram descontinuadas devido à quantidade de agressões contidas nas mesmas*". (885 pp.); e segunda Sylvia Payne, "*a razão para descontinuar esses encontros foi o acúmulo de trabalho administrativo somado à escassez de tempo para os debates. Tal interrupção foi lamentável*". (885 pp.)

Temos o dever de gratidão para com a Sociedade Britânica de Psicanálise pela publicação de suas atas. Contudo, nos resta saber o que as instituições atuais irão deduzir desse legado de debates tão extraordinários. Ao lermos tais documentos cinqüenta anos depois, é inevitável levantarmos questões relacionadas a quão longe já chegamos e o quanto nos libertamos dos mitos e dos temores contra os quais aquelas pessoas lutaram. Não há dúvidas quanto ao amplo reconhecimento das idéias e da prática psicanalítica; também não está em questão, o quão importante foram os progressos do pensamento e da técnica psicanalítica realizados em sua maior parte pelos membros da Sociedade Britânica de Psicanálise; mas, ainda permanecemos inseguros quanto às nossas possibilidades técnicas e conseqüentemente, quanto ao nosso limite institucional, o que nos sugere o quanto ainda precisamos entrar em contato com ansiedades subjacentes ao processo de crescimento.

Certamente, esses problemas não são exclusivos da psicanálise. A lenda do cemitério de Ur, aquela com a qual iniciei este artigo, sintetiza muitas dessas questões: a preservação versus a mudança e o progresso, o mito e a realidade, o valor das tradições versus o presente, e sobre a morte, sobre a vida e a sua co-relação. Os ladrões, na lenda, não tinham a intenção (de roubar) controlada pela aura sagrada que envolvia o lugar saqueado, e nem sequer pelos mitos que o cercavam. Bion insinua que eles eram 'cientistas', destemidos, dispostos a assumir os riscos do desconhecido a qualquer custo. Comandados por suas próprias mentes, foram capazes de realizar escolhas entre permanecer atados ao passado ou saquear o cemitério segundo seus próprios, talvez ambiciosos, propósitos.

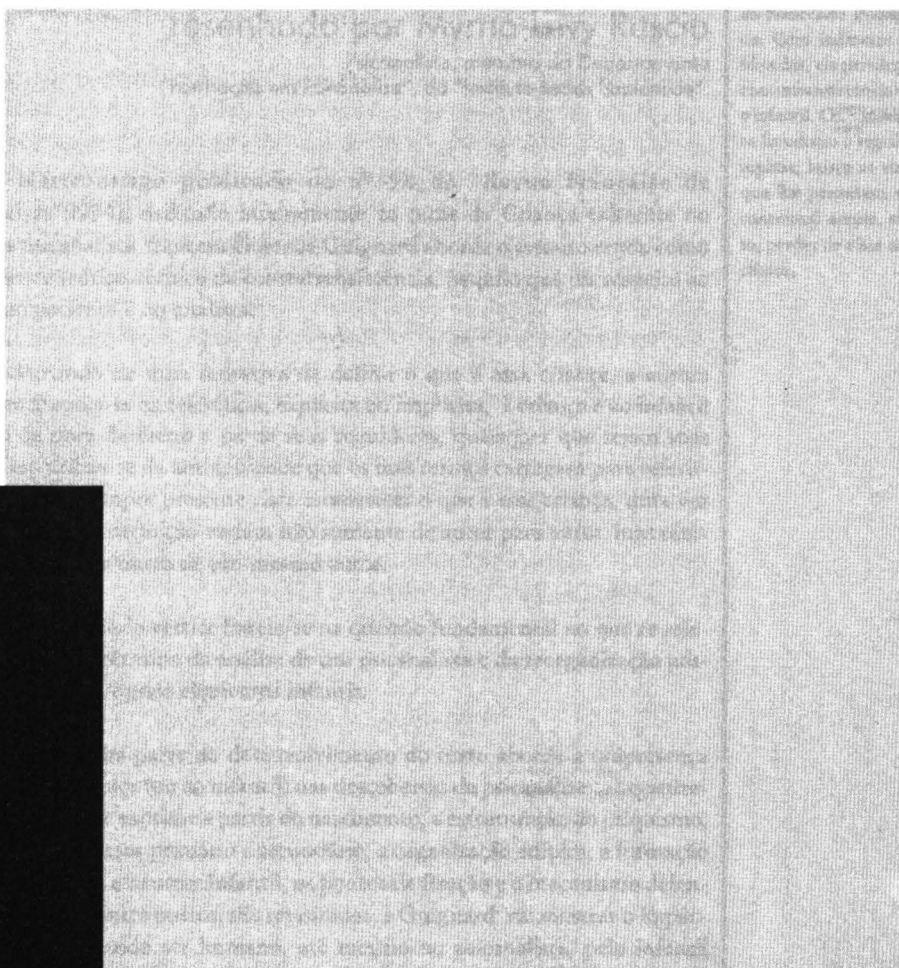
*PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, História, Discussões Contro-  
versas, Transmissão.*

#### BIBLIOGRAFIA:

BION, W. *Conferências Brasileiras*. R.J., Imago, 1990.

- ETCHEGOYEN, H. "Some views on Psychic Reality", *Int. J. Psycho-Anal.* 1-15, 1996.
- FREUD, S. "Dois verbetes de Enciclopédia", *SE* vol. 18, RJ, Imago, 1923.
- HAYMAN, A. "Some remarks about 'The Controversial Discussions'", *Int. J. Psycho Anal.* 394-359, 1994.
- HEIMANN, P. "On Counter-transference", *Int J Psycho-Anal* 81-84, 1952.
- JACQUES, E. "On the dynamics of social Structure", *Human Relations.* 6:3-24, 1953.
- KING, P. "The evolution of controversial issues" *Int. J. Psycho-Anal*, 1994.
- KING, P. & STEINER, R. *The Freud-Klein Controversies* 1941-1945. New York: Routledge, 1991.
- KLEIN, M. *Developments in Psychoanalysis*. London: Hogarth Press, 1992.
- SMITH, D. "Psychoanalysis and Dogmatism". *Brit J. Psychother.* 7 (4):416-422, 1991.
- STEINER, R. "Some thoughts on tradition and change in psychoanalysis" *Int. J. Psycho-Anal.* 27-71, 1985.

Francisca I.P.S. Teixeira  
 Av: Brig. Faria Lima, 1478/cj 905  
 São Paulo, SP  
 Tel: 813.7494



# RESENHA



## RESENHA\* A CRIANÇA NO PSICANALISTA<sup>1</sup>

Florence Guignard<sup>2</sup>  
resenhado por Myrna Levy Ruscio

Psicanalista, membro do Departamento  
"Formação em Psicanálise", do "Instituto Sedes Sapientiae".

Neste artigo publicado no nº 58 da "Revue Française de Psychanalyse" (1994), dedicado inteiramente ao tema da Criança existente no Adulto, a psicanalista francesa Florence Guignard aborda o assunto tendo como eixo o vértice teórico-técnico da contratransferência, naquilo que diz respeito ao infantil no paciente e no analista.

Partindo de uma tentativa de definir o que é essa criança, a autora inicialmente apoia-se na referência, explícita ou implícita, à criança e ao infantil ao longo da obra de Freud e na de seus seguidores, quaisquer que sejam suas tendências; utiliza-se da ambigüidade que os dois termos carregam para referir-se à dificuldade sempre presente para estabelecer o que é essa criança, uma vez que os critérios de definição variam não somente de autor para autor, mas também de um texto a outro de um mesmo autor.

Um segundo vértice baseia-se na questão fundamental no que se refere aos critérios do término da análise de um psicanalista e da reorganização pós-analítica de seus próprios elementos infantis.

A primeira parte do desenvolvimento do texto aborda a onipresença da referência à criança (ou ao infantil) nas descobertas da psicanálise: a organização pulsional que se exprime a partir do nascimento, a estruturação do psiquismo, a função dos processos primário e secundário, a organização edípica, a formação das três instâncias, a neurose infantil, os pontos de fixação e o mecanismo defensivo de regressão, entre outros, são revisitados, e Guignard vai mostrar o impacto provocado em todo ser humano, até mesmo no psicanalista, pelo infantil presente no adulto. Para a autora, esse impacto será a fonte de extrema excitação exercida no Pcs do analista, em razão da força pulsional que dele emana. O destino normal dessa excitação é diversificar-se, sublimar-se, por um lado na atividade de escuta e elaboração interpretativa e, por outro, sofrendo uma repressão destinada a manter uma situação pára-estimulante.

\* Trabalho desenvolvido no Grupo de Resenha da Comissão de Publicações do Departamento "Formação em Psicanálise", do "Instituto Sedes Sapientiae".

<sup>1</sup> L' enfant dans le psychanalyste

<sup>2</sup> Psicanalista francesa, extremamente ativa e produtiva, membro da Sociedade Psicanalítica de Paris. Com inúmeros trabalhos publicados, ela privilegia as questões contratransferenciais, o feminino e o infantil. Com sólido embasamento freudiano e seguidora da escola inglesa, busca as vias de pesquisa que lhe permitem a formalização conceitual ampla, sem, no entanto, perder de vista ou afastar-se da clínica.

A segunda parte enfoca o psicanalista e a criança nele existente. É nesse momento que Guignard faz uma extensa e profunda reflexão sobre os critérios e exigências para a análise pessoal do psicanalista. Ela lembra que nada ainda foi dito sobre o futuro dos elementos infantis deste último, os mesmos elementos que teriam dado lugar a uma neurose infantil, em princípio "dissolvida" pela ação do processo analítico através da "resolução" de sua neurose de transferência. Para isso, ela recorda o texto de Freud, *Análise Terminável e Análise Interminável* (1937), salientando o trecho em que este recomenda a reciclagem analítica do psicanalista.

Na terceira e última parte, Florence Guignard revê a contratransferência e nos alerta para alguns pontos críticos, apontando que a relação transferência – contratransferência do infantil do paciente e do analista é um jogo sutil e complexo, do qual não saem incólumes os dois protagonistas da cura analítica.

Bem utilizada, a contratransferência é uma ferramenta útil na cura. Ao contrário, se dela for feito mau uso, poderá levar a uma escuta deformada ou a uma surdez psíquica e a interpretações errôneas de final muitas vezes desastroso. E isso é mais freqüente do que se supõe.

Essa ambigüidade entre a criança e o infantil e as dificuldades apontadas por Guignard tornam o artigo extremamente rico e instigante. Vale a pena empreender sua leitura.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

BEGOIN- GUIGNARD, F. – L'Enfant dans le Psychanalyste, in *Revue Française de Psychanalyse*, 58 (3): 649-659, 1994.

Myrna Levy Ruscio

Rua Caçapava 49 - cj.52 – São Paulo - S.P.

CEP: 01408-010

Fone: (11) 881-8113

e-mail: ruscio@uol.com.br

## NORMAS DE APRESENTAÇÃO E APROVAÇÃO DE TRABALHOS PARA A COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

O Boletim Formação em Psicanálise, publicação do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, é uma publicação semestral e tem por objetivo a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins na forma de artigos, leituras (comunicações, comentários ou resenhas de livros), conferências, entrevistas e cartas enviadas à comissão editorial.

Os artigos e trabalhos para publicação devem ser encaminhados em 4 cópias, acompanhadas de disquete, à Comissão Editorial do Boletim Formação em Psicanálise. Os textos assim recebidos serão submetidos à apreciação do Conselho Editorial, que decidirá sobre sua aprovação. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não aprovados para publicar. Traduções devem apresentar também uma cópia do artigo original, com todas as indicações sobre a edição e versão que foi traduzida.

Artigos e trabalhos deverão ser apresentados com uma folha de rosto separada das demais, onde deverá constar o nome do autor, sua qualificação, endereço, telefone (com CEP e DDD) e endereço eletrônico (E-mail). A seguinte estrutura deverá ser obedecida: título, resumo em português, artigo propriamente dito, resumo em inglês (poderá ser feito pela Comissão Editorial), palavras-chave e bibliografia.



## NORMAS PARA APRECIÇÃO DOS TRABALHOS

Todo artigo entregue será avaliado por dois membros do Conselho Editorial. Caso não haja consenso haverá uma terceira avaliação. Se dois conselheiros recusarem o artigo, este será rejeitado para publicação. Os nomes dos conselheiros serão mantidos em sigilo pela revista.

Sendo o artigo aceito pelos conselheiros, será considerado aprovado para publicação. O número da revista em que tal ocorrerá dependerá do programa editorial estabelecido. Os autores receberão a confirmação ou recusa da publicação em um prazo máximo de seis meses.

Os artigos devem ser digitados em uma só face, em espaço duplo, fonte *Times New Roman*, tamanho doze.

Citações no texto devem incluir os sobrenomes do(s) autor(es), em letra maiúscula, seguido do ano da publicação do trabalho entre parênteses e o número da página da citação deve ser colocado ao final da mesma e entre parênteses.

Exemplo:

REIK (1948), em "Le psychanalyste surpris", assinala que: *A resposta analítica é portanto a réplica emocional e intelectual ao discurso, ao comportamento e a aparência do paciente...* (p.249)

Se o trabalho citado tiver dois autores deverão constar na citação os sobrenomes de ambos, ligados por um '&': caso tenha três ou mais autores somente deverá aparecer o sobrenome do primeiro, seguido da expressão 'et alli.' ou 'et al.'.

Exemplo:

"Como tão bem salientaram LAING et alli. (1974), para a compreensão..."

As referências bibliográficas devem vir no final do texto, dispostas em ordem alfabética de acordo com o sobrenome do autor e suas obras pela ordem cronológica de publicação (para as obras de Freud, as datas correspondentes são indicadas entre parênteses na *Standard Edition*).

Ao terminar a digitação da primeira linha deve-se iniciar o próximo parágrafo, começando embaixo da terceira letra do sobrenome do autor que inicia a referência.

Se várias obras forem publicadas no mesmo ano, deve-se acrescentar à data de publicação as letras *a*, *b*, *c*, etc. Quando um autor é citado individualmente e também como co-autor, serão citadas antes as obras onde ele é o único autor, seguidas das que ele é co-autor. O nome dos autores não serão repetidos, apenas indicados por um traço.

Afim de evitar a repetição do nome do autor quando se referencia um capítulo de sua obra, o nome é substituído por um travessão que precede o título.

Exemplo:

FREUD, Sigmund (1898). "O mecanismo psíquico do esquecimento." In: \_\_\_\_\_  
*Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro, Imago, 1976. P. 315-326.  
 (Edição Standard Brasileira).

As referências bibliográficas devem conter, se for **livro**, além do nome e sobrenome do(s) autor(es), o nome do livro, a editora e o ano da edição. Os títulos devem ser destacados (grifados ou em itálico) e seguidos da editora, data e número de páginas.

Exemplo:

ROSENFELD, H. *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1988, 250p.

Se for **revista**, as referências bibliográficas devem conter nome, sobre-nome do(s) autor(es), o nome do artigo entre aspas, o nome da revista em destaque (grifado ou em itálico), o número e volume do fascículo, ano de publicação e início e fim de páginas. Substituem-se as abreviaturas 'v', 'n' e 'p' pelas seguintes indicações:

- a) O número do volume em destaque (grifo ou itálico);
- b) Número do fascículo entre parênteses;
- c) Número de página precedido por dois pontos.

Exemplo:

FÉDIDA, P. "Introdução a uma metapsicologia da contratransferência" *Revista Brasileira de Psicanálise*, 20 (4) : 613-29, 1986.

**Tabelas, gráficos e figuras** devem vir anexas, em preto e branco, referidas em números arábicos, constando sempre o respectivo título de maneira precisa.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Artcolor Ltda**

Tel.: (011) 3873.3377

